



Licenciatura em Letras

Língua Portuguesa
modalidade a distância

Disciplina
Filologia Românica

MATERIAL DIDÁTICO
ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO
Joaquim Maia de Lima

REVISÃO
Ana Lygia Almeida Cunha

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Oficina de Criação | UFPA

Reimpressão 2012

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA, Belém – PA

Lima, Joaquim Maia de
Filologia Românica/ Joaquim Maia de Lima. Belém, EDUFPA, 2008 v.5
Textos Didáticos do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua
Portuguesa – modalidade a distância.
92 páginas

ISBN: 978-85-247-0480-2

1. Filologia Românica. 2 Línguas Românicas. I.Título.

CDD. 20. ed. 440

Joaquim Maia de Lima



Licenciatura
em Letras
Língua Portuguesa
modalidade a distância

Disciplina
Filologia Românica



Belém-Pa
2012

volume 5

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Fernando Haddad

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MEC

José Henrique Paim Fernandes

SECRETÁRIO DE REGULAÇÃO E SUPERVISÃO

DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (SERES/MEC)

Luis Fernando Massonetto

DIRETOR DE REGULAÇÃO E SUPERVISÃO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Hélio Chaves Filho

DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA CAPES

João Carlos Teatini

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

VICE-REITOR

Horácio Schneider

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Marlene Rodrigues Medeiros Freitas

ASSESSOR ESPECIAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

José Miguel Martins Veloso

DIRETOR DO INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO

Otacílio Amaral Filho

DIRETOR DA FACULDADE DE LETRAS

Thomas Massao Fairchild

COORDENADORA DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA – MODALIDADE A DISTÂNCIA

Alzerinda de Oliveira Braga

Parcerias

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARCARENA

PREFEITURA MUNICIPAL DE D. ELISEU

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAUAPEBAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAILÂNDIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE TUCUMÃ

SUMÁRIO

Unidade 1 - A Filologia.....11

Atividade 1 - Conceito, Objeto de Estudo,
Metodologia e Objetivos do Estudo da Filologia.....13

Unidade 2 - A Filologia Românica.....27

Atividade 2 - A Formação da România.....29
Atividade 3 - O Latim Vulgar.....47

Unidade 3 - As Línguas Românicas.....69

Atividade 4 - Caracterização e Inter-relacionamento
das Línguas Românicas.....71

APRESENTAÇÃO

Filologia Românica é uma disciplina que faz parte do segundo módulo do **Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa - na Modalidade a Distância**.

Esta disciplina mostra a importância da Filologia para o estudo científico da linguagem humana; apresenta a Filologia Românica como responsável pelo estudo dos fatos históricos concernentes à formação da România, em que se originaram as línguas **neo-latinas**; oferece uma visão das principais características **morfossintáticas** e tendências fonéticas ocorridas na passagem do latim às línguas românicas.

É uma disciplina de 68h, dividida em 3 unidades, que se subdividem em 4 atividades, conforme o sumário deste material

Durante o período de funcionamento deste módulo, você deverá proceder ao estudo das atividades previstas no planejamento. Aos sábados, você poderá participar dos encontros presenciais com o seu tutor, quando será possível discutir o conteúdo estudado nos dias anteriores, tirar suas dúvidas, entregar o resultado de seus exercícios e realizar as avaliações.

Você deve reservar em torno de 20 horas por semana para proceder à leitura do material didático, ao estudo dos conteúdos e ao desenvolvimento dos exercícios. O seu bom desempenho neste ou em qualquer módulo deste curso depende, em parte, da sua capacidade de se disciplinar. Não deixe de participar dos encontros com seu tutor e com os colegas, pois eles são importantes para que se alcance sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Um bom trabalho!

A FILOLOGIA

u n i d a d e 1

CONCEITO, OBJETO DE ESTUDO, METODOLOGIA E OBJETIVOS DO ESTUDO DA **FILOLOGIA**

a t i v i d a d e 1

OBJETIVOS

Ao final desta atividade, você deverá ser capaz de

- compreender o conceito, o objeto de estudo, a metodologia e os objetivos da Filologia;
- distinguir Filologia de Lingüística.

Nesta atividade, você vai adquirir uma visão geral da Filologia: vai saber qual o seu conceito, qual o seu objeto de estudo, qual a sua metodologia e quais os seus objetivos. Vai adquirir informações imprescindíveis para o profissional de letras. Você vai ampliar ainda mais, por meio de análise, descrição e explicação, sua compreensão sobre os fatos lingüísticos.

FILÓLOGO

Especialista em filologia.

HISTÓRIA

Narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral.

LITERATURA

Conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários.

FILOSOFIA

Estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora ‘realidade suprema’, ora ‘causa primeira’, ora ‘fim último’, ora ‘absoluto’, ‘espírito’, ‘matéria’, etc.), quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento (as respostas às perguntas: que é a razão? o conhecimento? a consciência? a reflexão? que é explicar? provar? O que é uma causa? um fundamento? uma lei? um princípio? etc.), tornando-se o homem tema inevitável de consideração. Ao longo da sua história, em razão da preeminência que cada filósofo atribua a qualquer daqueles temas, o pensamento filológico vem-se cristalizando em sistemas, cada um deles uma nova definição da filosofia.

Conceito e Objetivos da Filologia

O homem, ao longo dos tempos, preocupou-se em estudar a sua língua. Acreditava que o conhecimento da língua permitia o acesso ao domínio das leis de funcionamento da sociedade e da cultura. Para ter domínio da língua, o homem precisou sistematizar os estudos lingüísticos, pois a língua tem multiplicidade de aspectos e funções. Desde a antiguidade, a Filologia vem cumprindo o papel de interpretar e explicar textos escritos. Hoje a Filologia é vista como o estudo dos textos literários, especialmente os do mundo greco-romano, e de modo geral, o estudo da cultura e da civilização de um povo, em determinada época da sua história, por meio de documentos literários.

A palavra **Filologia** foi formada a partir dos termos gregos *philos* (que significa “amigo”) e *logos*, (que significa “palavra”). Portanto, Filologia quer dizer “amigo da palavra”, “estudioso da palavra ou estudioso da língua”, “amor da ciência”, “o culto da erudição ou da sabedoria em geral”. O principal objetivo do **Filólogo** é conhecer o pensamento cultural de um povo: toda a sua produção literária em determinada época. Ele deve encontrar-se preparado para exercer essa atividade, para que possa corrigir os erros dos textos; restaurá-los em toda a sua possível perfeição; criticá-los, quanto à autenticidade, colocando-os em sua época devida,

atribuindo-lhes a verdadeira autoria, explicando-os em todos os seus pontos obscuros, completando-os em suas falhas, restituindo-os, enfim, ao seu verdadeiro estado de perfeição, tal qual os deixou, em épocas passadas, o seu autor.

A Filologia é uma ciência, tem seu objeto formal estabelecido, com métodos próprios, seguros e apurados, com conclusões seguras que a tornam ciência por apresentar um conjunto de postulados logicamente encadeados acerca de uma língua ou linguagem. A sua finalidade específica é fixar, interpretar e comentar os textos. Para tanto, ela se acerca de outras áreas do conhecimento humano, como a **História**, a **Literatura**, a **Filosofia**, a **Linguística**, a **Paleografia**, a **Arqueologia**, a **Mitologia**, o **Folclore**, a **Codicologia** e outras, que forem necessárias para o maior e melhor entendimento do universo textual. Portanto, os filólogos trabalham num campo interdisciplinar em que é preciso buscar, reunir, integrar informações advindas de várias fontes e ciências.

A Filologia, para obter o status que tem hoje, passou por um longo período de maturação. As vicissitudes de seu desenvolvimento e as novas descobertas não lhe tiraram o atributo fundamental: a pesquisa da língua com objetivos diversos:

- estudo das regras gramaticais,
- comentário crítico de obras,
- elaboração de **glossários**,
- descrição de línguas, tanto na perspectiva histórica, **diacrônica**, quanto na perspectiva **sincrônica**.

Objeto de estudo

O objeto de estudo da Filologia é a língua. Não a língua em si mesma, mas a língua como instrumento que serviu de expressão ao pensamento, às emoções artísticas de um povo, em determinada época, pensamentos e emoções que nos deixaram em seus documentos literários. Como consequência, preocupa-se também com a história literária, os costumes, as instituições etc. Se aborda as questões linguísticas, é especialmente para comparar textos de épocas diferentes, para determinar a língua particular de cada autor, para decifrar e explicar inscrições numa língua antiga.

PALEOGRAFIA

Ciência que tem por objeto o estudo das escritas antigas, em qualquer espécie de material, e que compreende a decifração, a descoberta de erros na transmissão, a datação de textos, a atribuição de lugar de origem e interpretação, além de ocupar-se da própria história da escrita.

ARQUEOLOGIA

O estudo científico do passado da humanidade, mediante os testemunhos materiais que dele subsistem.

MITOLOGIA

Ciência, estudo ou tratado acerca das origens, desenvolvimento e significação dos mitos.

FOLCLORE

Estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes.

CODICOLOGIA

Disciplina auxiliar da crítica textual que tem por objeto o estudo dos materiais empregados na confecção e elaboração do livro manuscrito ou códice.

GLOSSÁRIO

Vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais ou pouco usadas. Léxico de um autor, que figura, em geral, como apêndice a uma edição crítica.

DIACRONIA

Estudo de uma língua considerando sua evolução histórica, no tempo.

SINCRONIA

Estudo de um sistema linguístico considerando seu funcionamento em um dado ponto do tempo.

Metodologia

Os estudos filológicos seguem o método histórico-comparativo, cujas técnicas permitem ao filólogo reconstituir, com bastante precisão, as formas que deram origem às diferentes palavras, esclarecem as **etimologias**, determinam a origem dos vocábulos e ajudam a discernir os processos que uma dada comunidade ou um povo emprega na sua linguagem. Tais processos podem ser identificados nos níveis **fonético**, **fonológico**, **morfossintático**, **semântico** e, principalmente, no **lexical**.

Foi pela comparação que se conseguiu identificar o tronco comum de línguas como o grego, o alemão, o latim, o sânscrito e o eslavo e constituir com estas línguas a família **indo-européia**, a mais importante de todas as famílias de línguas existentes.

Como ilustração, examinemos as palavras no quadro abaixo:

latim vulg [cláss.]	português	espanhol	francês	italiano	romeno
caballus, equus (mas) eua (fem)	cavalo égua	caballo yegua	cheval ive*	cavallo	cal iapa
lupus	lobo	lobo	loup	lupo	lup
focus	fogo	fuego	feu	fuoco	foc

ETIMOLOGIA

O estudo das palavras, de sua história e das possíveis mudanças de seu significado.

FONÉTICA

É o ramo da Lingüística que estuda os sons da fala humana e de um determinado idioma.

FONOLOGIA

Preocupa-se com a maneira como eles se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significados, chamadas fonemas.

MORFOSSINTÁTICO

Estudo que considera, na análise de uma língua, as dimensões morfológicas e sintáticas.

SEMÂNTICO

Refere-se ao estudo do significado, em todos os sentidos do termo.

LEXICAL

Relativo ao acervo de palavras de um determinado idioma. Em outras palavras, é todo o conjunto de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito.

INDO-EUROPEU

Língua que teria sido falada por volta de 3000 a. C. e que teria começado a cindir-se em diferentes línguas no milênio subsequente, dando origem à família indo-européia.

No latim, a denominação mais comum para designar ‘cavalo’, era *equus* (com o feminino *equa*), antigo nome indo-europeu (cf. sânscrito *asvab*; grego *ippos*; inglês *eob* etc.), mas já no século II a.C. aparece *caballus*, usado para denominar o cavalo de tiro e de trabalho, expressão de uso da língua popular. As línguas românicas conservam *caballus* (italiano *cavallo*; francês *cheval*; espanhol *caballo*; português *cavalo*; romeno *cal*), em detrimento de *equus*, conservado, em parte, apenas no feminino *equa* (ant. franc. *ive, ieve*; ant. provençal *ega*; catalão *énga, egua*; esp. *yegua*, port. *égua*, rom. *iapa*). Conforme se observa, o método comparativo, principalmente dentro dos estudos filológicos romanísticos, permite dois tipos de comparação, quais sejam, entre formas românicas e entre estas e o latim.

Vejamos outro exemplo de uso do método histórico-comparativo, sobre o substantivo ‘orelha’. Os dados que apresentamos a seguir demonstram a realidade histórica do método comparativo aplicado à Lingüística Românica.

Confrontemos o francês *oreille*, o italiano *orechia*, o espanhol *oreja*, o português *orelha* e o romeno *ureche*. Nestas cinco palavras, que apresentam, entre si, uma evidente semelhança, a primeira sílaba mostra uma correspondência surpreendente (*or-*, *ur-*), e as outras sílabas, uma grande diferença (*-eille*, *-ecchia*, *-eja*, *-elha*, *-eche*). A forma corrente em latim para ‘orelha’ é *auris*, à qual não é possível fazer corresponder a segunda parte das palavras românicas. Mas existe também o derivado latino *auricula*, com o qual poderiam muito bem relacionar-se as palavras românicas. Se confrontarmos as denominações românicas de orelha com as de olho, por exemplo, (francês *oeil*, italiano *occhio*, espanhol *ojo*, português *olho* e romeno *ochiu*), cuja origem latina é evidente – *oculus* – constataremos que o elemento consonântico da segunda parte das palavras românicas é o mesmo, tanto para ‘orelha’ como para ‘olho’ (francês *ll* [le], italiano *cb*, espanhol *j*, português *lh* e romeno *ch*) e, ao mesmo tempo, comprovaremos que as palavras românicas que designam orelha vêm do latim, *auricula*, e não do latim *auris*.

Outras comparações nos mostram que o francês *ll* [le], o italiano *cb*, o espanhol *j*, o português *lh* e o romeno *ch* não devem remontar ao latim *-cul-* diretamente (como em *auricula*, *oculus*), mas ao latim *-cl-*; e o **Appendix Probi** (século III), que, ao lado das formas latinas, registra formas “incorretas” que estavam em uso no latim vulgar, nos diz, por exemplo, nas glosas 3, 4, 7, 8, 9 e 111, que realmente se deve dizer *speculum non speclum*, *masculus non masclus*, *veranculus non vernaclus*, *articulus non articlus*, *baculus non baclus e oculus non oclus*. Com o método comparativo, remontamo-nos, portanto, ao passado, até à forma latina *auricla* e nos aproximaremos ainda mais da verdade histórica.

SÂNSCRITO

Língua indo-européia do ramo indo-ariano na qual foram escritos os quatro Vedas (c. 1200-900 a. C.), e que, entre os séculos VI a. C. e XI d. C., se tornou a língua da literatura e da ciência hindus; é mantida, ainda hoje, por razões culturais, como língua constitucional da Índia.

APPENDIX PROBI

Lista com mais de 200 erros e respectivas correções, onde a primeira expressão pertence ao latim literário e a segunda é erro que se trata de corrigir, atribuída a um gramático chamado Probo, que deve ter vivido no século III. Exemplo *nurus non nura*; *socrus non socra*.

Para compreender melhor a Filologia e o seu papel, podemos levar em consideração seus campos de aplicação.

HERMENÊUTICA

Interpretação do sentido das palavras.

EXEGESE

Comentário ou dissertação para esclarecimento ou minuciosa interpretação de um texto ou de uma palavra.

FIGURAS DE LINGUAGEM

São estratégias literárias que o escritor pode aplicar no texto para conseguir um efeito determinado na interpretação do leitor.

METÁFORAS

Consiste em usar uma palavra pela outra por força de comparação mental: “Você é um doce”

METONÍMIA

Figura de linguagem que consiste em designar um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (*trabalho*, por *obra*), de continente e conteúdo (*copo*, por *bebida*), lugar e produto (*porto*, por *vinho do Porto*), matéria e objeto (*bronze*, por *estatua de bronze*), abstrato e concreto (*bandeira*, por *pátria*), autor e obra (um *Camões*, por um *livro de Camões*), a parte pelo todo (*asa*, por *avião*), etc.

HIPÉRBOLES

É um exagero da verdade para produzir no espírito de quem ouve impressão mais forte: “Rios te correrão dos olhos, se chorares”

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

É uma expressão que se caracteriza por não ser possível identificar seu significado através de suas palavras individuais ou de seu sentido literal. Desta forma, também não é possível traduzi-la para outra língua de modo literal. Essas expressões geralmente se originam de gírias, cultura e peculiaridades de diversos grupos de pessoas: seja pela região, profissão ou outro tipo de afinidade..

Na edição e na interpretação da Bíblia, por exemplo, a Igreja conta com o auxílio de diferentes ciências, como a Filologia, a Linguística, a Historiografia e a Arqueologia, entre outras. O Texto Sagrado, contudo, nem sempre informa seu sentido à primeira leitura. É necessário, portanto, o trabalho **hermenêutico** e **exegético** de pesquisadores e teólogos autorizados pela Sé Apostólica. As Sagradas Escrituras apresentam muitas **figuras de linguagem**, **metáforas**, **metonímias**, **hipérboles**, **expressões idiomáticas** e foram redigidas em hebreu arcaico, idioma com muitas restrições lexicais, elementos estes que podem efetivamente confundir o nosso entendimento. As mensagens da Bíblia, portanto, devem ser entendidas dentro de um conjunto doutrinário integrado e coerente. Além disso, os originais desses textos sofreram diversos processos de cópia e tradução que produziram algumas alterações semânticas e também na sua organização. Não são intentos deliberados de ocultar ou acrescentar alguma informação, não são intentos desonestos de acrescentar ou retirar algo da Bíblia; são problemas objetivos, traduções de traduções, manuscritos elaborados de forma mais precisa, ou menos precisa, e assim sucessivamente. A presença de problemas objetivos como os mencionados – dúvidas filológicas sobre o termo mais adequado a ser traduzido ou o modo de organizar os textos, ou, a perda de partes dos originais – ajudam a Igreja a esclarecer dúvidas deixadas nos textos divinos, por conta da natureza humana dos autores.

A Filologia é importante também porque promove a preservação da cultura dos povos por meio de suas línguas, editando, interpretando e explicando textos literários e filosóficos que se encontravam nas bibliotecas, a partir dos manuscritos bem conservados. Nessa tarefa da edição de textos, a Filologia é disciplina auxiliar de todas as ciências e tecnologias, pois é por meio dela que as idéias dos grandes intelectuais (artistas ou técnicos) são preservadas em sua forma mais próxima possível da vontade de seus

autores, sejam escrivães (como Pero Vaz de Caminha), naturalistas (como Alexandre Rodrigues Ferreira), poetas (como Camões ou Gregório de Matos), filósofos, historiadores, políticos, oradores etc. É por meio da Filologia que a memória cultural de um povo se preserva ou se redescobre na sutileza da interpretação dos textos preservados em edições tratadas cientificamente.

Estudando a etimologia das palavras, os filólogos buscam os seus significados mais primitivos, reinterpretando as diversas alterações que sofreram na forma e no sentido para se adaptarem às diversas comunidades de falantes (no espaço, no tempo e nas diversas classes sociais), para mostrar que a língua é a expressão mais legítima da cultura de um povo, tanto que as palavras que se tornam desnecessárias em cada geração caem no esquecimento e surgem espontaneamente outras para suprirem as novas necessidades.

Do ponto de vista geográfico, a Filologia se preocupa em interpretar os valores culturais de cada comunidade de falantes, registrando os fatos lingüísticos (ou dialetais) que lhes são mais peculiares e oferecendo grande contribuição para os estudos etnográficos e de diversas outras especialidades.

Diacronicamente, a Filologia se ocupa da história da língua propriamente dita (a gramática histórica) e da história de seus falantes ou dos fatos culturais que mais relevantemente atuaram ou atuam para acelerar ou frear a sua evolução e para estabelecer o grau do seu prestígio. É aí também que o filólogo e a Filologia se põem a refletir sobre as diversas formas de criação de novas palavras, como, por exemplo, o empréstimo de uma língua de especialidade para outra, de estrangeirismos tomados das línguas dos povos que se destacarem em cada área do conhecimento ou em cada especialidade, etc.

Os textos filologicamente trabalhados fornecem dados que tornam possível o fomento de uma política do idioma com vistas a garantir a identidade nacional, uma vez que a língua é o fator preponderante na definição de uma nacionalidade ou mesmo no restabelecimento de elos comuns a povos que já conviveram num mesmo espaço geográfico, como é o caso dos textos **galegos**, portugueses e galego-portugueses.

GALEGO

Língua românica falada na Galiza (Espanha).

A gramaticalização das línguas vernáculas e seu ensino valorizam a língua, assim como a crítica literária, ambas preocupadas com a descrição segura e simples das manifestações lingüísticas e dos estilos mais prestigiados.

Observe a análise filológica abaixo, feita por Bragança Júnior (1997), do provérbio latino:

“Não queira irrefletidamente contar um segredo à esposa! Dificilmente aquela o guarda quieto por um dia em seu coração”. (*Uxori temere noli mandare secretum! Vix in corde suo tenet illa luce quietum.*)

A mulher não merece a confiança de seu esposo. Um ato sem reflexão dele, como o simples contar um segredo, pode significar problemas futuros, na medida em que ela não sabe guardá-lo para si, revelando-o a outros.

A imagem negativa atribuída à mulher neste provérbio reforça uma posição não privilegiada da mulher na estrutura social medieval. Referindo-se a isso, Jacques le Goff (1984, p. 42) assim se pronuncia:

“Está fora de dúvida o facto de a mulher ter sido inferior. Nesta sociedade militar e viril, de subsistência sempre ameaçada e em que, por conseguinte, a fecundidade é mais uma maldição (é daí a interpretação sexual e procriativa do pecado original) que uma bênção, a mulher não estava em posição privilegiada. E bem parece que o cristianismo pouco fez para lhe melhorar a situação material e moral. É ela a grande responsável pelo pecado original. E é também ela a pior encarnação do mal nas formas da tentação diabólica.”

A genealogia da mulher, remontando a Eva, não deixa dúvidas quanto ao seu carácter tentador. Muitas vezes, nem mesmo o matrimônio cristão pode definitivamente apagar o passado pecaminoso do sexo feminino. Henry R. Loyn, ao comparar a visão mariana da mulher a partir do século XI com a concepção mundana da mesma, assim nos diz:

“Seu oposto era a forte tradição misógina herdada de São Paulo e dos escritos patrísticos, que retratavam a mulher como Eva, a suprema tentadora e obstáculo para a salvação; era melhor casar do que se consumir – mas não muito melhor – e um homem decidido a levar uma vida santa deveria ingressar numa ordem religiosa.” (LOYN 1992, p. 264)

Obviamente que o contexto sócio-político-cultural europeu durante a Idade Média variou de região para região e com o crescente avanço das primeiras economias mercantis, com o desenvolvimento do tear e de um incipiente comércio nas cidades, houve uma revitalização e mudança do papel das mulheres, não mais apenas mães e monjas, mas também trabalhadoras e parceiras comerciais.

No entanto, a indiscrição e loquacidade femininas são motivos de reprimenda no provérbio acima. A esposa, muitas vezes casada em um matrimônio de interesse, não seria digna de conservar consigo um segredo, já que sua natural predisposição à falta moral a impeliria a divulgá-lo. Ao homem, pois, caberia cautela, expressa pelo advérbio *temere*, “às cegas, inconsideradamente”, ou seja, sem uma reflexão prévia. Este já deveria saber que no coração feminino, que tem em Eva o seu modelo original, não se pode confiar. O homem deve sempre lembrar-se da inocência de Adão!

A marca discursiva do provérbio, portanto, manifesta-se em uma advertência ao perigo, no qual os homens incorrem, quando revelam segredos às suas esposas. Pelo tipo de construção e mensagem do texto, parece-nos mais um exemplo de uma lição moral de conduta, expressa em latim sob a concisa forma de um provérbio. Por trás do texto, como indicadores sociais, notamos ainda corrente um discurso eclesiástico, que privilegia o homem como criatura suprema racional feita por Deus e que insere a mulher num plano inferior.

Referências Bibliográficas

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1984 (vol.2).

LOYN, H. R. (Org.) *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Observe que não é tão fácil interpretar e/ou explicar um texto. Primeiro, precisamos saber se o texto a ser analisado é verdadeiro, original; segundo, em relação à determinada palavra, expressão ou edição de um texto, não podemos fazer afirmações precipitadas, devemos ter certeza do que estamos afirmando; terceiro, como o texto pode ter sido produzido por alguém de uma cultura e em uma época diferentes da do analista, é prudente não analisar o passado com os olhos do presente para não cometermos imprecisões ou até mesmo injustiças. Preocupados com essas questões, os estudiosos da linguagem consolidaram, ao longo dos tempos, um campo do saber, uma ciência, denominada Filologia. Na análise do provérbio, você notou que foi necessário, ao filólogo, buscar informações em outras áreas do conhecimento para fazer determinadas afirmações. Veja:

Na História – “A imagem negativa atribuída à mulher neste provérbio reforça uma posição não privilegiada da mulher na estrutura social medieval.”

Na Religião – “A genealogia da mulher, remontando a Eva”.

Na Economia e na Sociologia – “Com o crescente avanço das primeiras economias mercantis, com o desenvolvimento do tear e de um incipiente comércio nas cidades, houve uma revitalização e mudança do papel das mulheres, não mais apenas mães e monjas, mas também trabalhadoras e parceiras comerciais”.

Na Psicologia – “A indiscrição e loquacidade femininas são motivos de reprimenda no provérbio acima”.

Na Lingüística – “Ao homem, pois, caberia cautela, expressa pelo advérbio *temere*, ‘às cegas, inconsideradamente’, ou seja, ‘sem uma reflexão prévia’. ‘A marca discursiva do provérbio’ ”.

Distinção entre Filologia e Lingüística

A distinção entre Filologia e Lingüística é um caminho necessário para que o profissional de Letras considere os estudos filológicos como eles realmente devem ser compreendidos.

A Filologia busca concentrar-se no estudo de ‘textos’ (obras), ao passo que a Lingüística propõe-se a alcançar o conhecimento da língua em si mesma, como fato social da linguagem. Não a língua A ou B, mas o fenômeno língua, sua estrutura, seu conteúdo, sua essência, seus processos, suas relações com o pensamento, com o sentimento, com a vontade, com a sociedade, com a cultura, sua evolução, estabilidade e desagregação, causas da estabilidade e fatores de diferenciação, interação lingüística etc.

A Filologia é a ciência dos fatos literários, eruditos e que se referem às línguas, enquanto a Lingüística é a ciência dos fatos da linguagem espontânea, em todos os idiomas.

A Filologia abrange a crítica, o comentário de textos antigos e a história das línguas, principalmente naquilo que elas possuem do elemento literário culto. Já a Lingüística estuda a linguagem como expressão do pensamento, como fórmula exterior articulada da inteligência humana em ação.

EXERCÍCIO

As questões abaixo servirão para você mostrar que compreendeu os conceitos que foram estudados nesta unidade. Discuta as respostas com o tutor, no próximo encontro presencial.

Marque com um X as afirmações verdadeiras:

- () A Filologia trabalha com textos no intuito de fixá-los, comentá-los, explicá-los, aproximá-los o mais possível de seus leitores e de seu autor ou autora.
- () A Filologia busca identificar e classificar as alterações realizadas pelos próprios escritores ou por revisores, editores, tipógrafos, copistas por meio das sucessivas cópias manuscritas ou edições impressas de uma obra.
- () A Filologia restitui ou tenta restituir a palavra escrita e considerada definitiva pelo autor ao público leitor. Intenta vencer o “ruído” que separa um texto de seus leitores.
- () A Filologia tem como objeto de estudo o texto: sua leitura, interpretação, apuramento, explicação e publicação.
- () A Filologia se acerca de outras áreas do conhecimento humano, como a História, a Literatura, a Filosofia, a Lingüística, a Paleografia, a Codigologia e outras que forem necessárias para o maior e melhor entendimento do universo textual.
- () Os filólogos trabalham num campo interdisciplinar em que é preciso buscar, reunir, integrar informações advindas de várias fontes e ciências.
- () Os estudos filológicos nos mostram que para realizarmos uma pesquisa consistente com textos literários ou não literários é preciso que tenhamos uma visão do sistema que produziu esses textos, ou seja, fazer um levantamento de toda a tradição direta e indireta de uma determinada obra e também uma pesquisa minuciosa de seu vocabulário, de sua poética, de seus pontos obscuros e do quadro das mentalidades em que ela foi construída.
- () A Filologia proporciona um mergulho vertiginoso e radical em uma obra estudada a partir de seu método de investigação: método histórico-comparativo.
- () Dirige-se a Filologia à interpretação do pensamento literário do presente, e como tal pensamento se encontra em textos escritos e orais, estes são o campo especial do trabalho filológico.

() Se quiséssemos criar a Filologia nacional, deveríamos iniciar o trabalho pelas cartas de Anchieta, pelos trabalhos dos missionários jesuítas, pois foram os primeiros documentos escritos no país.

() Rigorosamente, Lingüística é o estudo de textos literários, ao passo que Filologia é o estudo da língua como tal, independentemente de textos ou de beleza literária.

LEITURA COMPLEMENTAR

O texto abaixo do professor Silvio Elia (1979, p. 1-3) trata do conceito de Filologia e discorre sobre a relação entre a Filologia e a Lingüística. Nele você vai saber um pouco mais sobre os conceitos básicos da Filologia, estudados nesta unidade.

Filologia

Do grego *φιλόλογος*, através do latim, *philologus*, isto é, “amigo das letras” das obras literárias, da linguagem.

D. Carolina Michaelis de Vasconcelos (*Lições de Filologia Portuguesa*) estudou detidamente a palavra. Depois de tratar dos radicais gregos que a compõem, acrescenta: “*Filologia* é, portanto, etimologicamente: amor da ciência; o culto da erudição ou da sabedoria em geral; e em especial, o amor e culto das ciências do escrito (*geisteswissenschaften*), sobretudo da ciência da linguagem, do *verbo* ou do *logos* que é distintivo do homem – expressão do pensamento, manifestação da alma nacional, órgão de literatura e instrumento de nós todos, mas principalmente e sublimadamente dos letrados que, apesar de tudo quanto contra eles se tinha dito e se possa dizer, são poderosos obreiros de Deus.”

Pouco adiante ensina: “E, com efeito, os dois maiores pensadores da Antiguidade, Platão e Aristóteles... são os que ministraram os passos mais antigos relativos à *Filologia*, são os primeiros que documentam a palavra.” Quanto a quem teria cunhado o termo, diz: “Ignoro se Platão, o mais velho dos dois, discípulo genial de Sócrates, o criou, ou se já lhe fora transmitida pelo mestre, cuja doutrina e cujos processos ele expõe...”

No séc. II a.C. houve um grego erudito que aplicou a si próprio, com orgulho, o epíteto “filólogo”: foi *Eratóstenes*, famoso também porque inventou o conhecido *crivo* para identificação dos números primos. Em Roma, o primeiro escritor que recebeu o nome de *philologus* foi um certo *Ateius Praetextatus* (séc. I a.C.).

A introdução da Filologia em Roma tem uma origem anedótica. Segundo Suetônio, quando, em 172 a.C., o rei de Pérgamo, Átalo II, designou embaixador junto ao senado Romano a Crates de Malos, este, já no fim de sua missão, ao passar junto ao Palatino, tropeçou e caiu num fosso aberto da *cloaca máxima*, quebrando uma perna. Teve assim de permanecer mais algum tempo em Roma e aproveitou os dias para dissertar sobre questões de linguagem, atraindo a atenção de muitos romanos ilustres. Ao partir, deixou na velha capital itálica vários discípulos de boa vontade, que se propuseram a aplicar aos grandes nomes das letras latinas o método de pesquisas e explicação que Crates lhes ensinara. Desde então até hoje, a Filologia não deixou de ter adeptos, cada vez mais ardorosos.

Relação entre Filologia e Lingüística

A relação entre a Filologia e a Lingüística é a da parte para o todo. A Lingüística – *Sprachwissenschaft* dos alemães – é o estudo das línguas em todo os seus aspectos, inclusive o filológico. Historicamente, a Filologia precedeu a Lingüística, mas hoje deve situar-se modestamente no quadro geral dos estudos lingüísticos. Os estudos filológicos têm caráter “histórico”. Partem de línguas determinadas, documentadas através de textos e, depois de percorrerem um itinerário cultural, onde entram a História, a Epigrafia, a Literatura, voltam para o texto de onde saíram.

Os estudos lingüísticos também se alçam de fatos rigorosamente coligidos e determinados. Mas a linha da pesquisa “lingüística” *strito sensu* não descreve aquele movimento circular a que nos acabamos de referir aludindo à Filologia. Partindo dos fatos, não volta a eles; seu intento é procurar “princípios gerais de explicação” que possam dar conta da complexidade dos fenômenos lingüísticos. Estabelecer as causas psicológicas, sociológicas ou estruturais dos fenômenos lingüísticos é fazer Lingüística; iluminar um texto por meio de comentários da mais variada natureza é tarefa da Filologia. A distinção entre os dois campos se obscureceu, porém, com o advento da chamada *Filologia Comparada* (*Comparative Philology*). A comparação de línguas, que sempre se fizera esporadicamente e um tanto ao acaso, encontrou no método histórico-comparativo (princípios do séc. XIX) uma base racional de pesquisas. A Filologia enveredou com entusiasmo por esses novos domínios e empreendeu igualmente a busca de princípios gerais de explicação (leis fonéticas). As explicações filológicas deixaram assim de se restringir a uma língua determinada (grego, latim, português), para abranger um campo largo de investigações (línguas neolatinas, germânicas, eslavas etc.). Daí surgirem novas particularizações da ciência da linguagem: a *Filologia Românica*, por ex. O propósito de formular também, dentro de cada um desses domínios, princípios gerais de explicação trouxe maior aproximação entre a Filologia e a Lingüística, e alguns julgaram até que poderiam trocar, sem alteração de sentido, as denominações. Bourciez, por exemplo, intitulou o seu notável manual de estudos românicos *Éléments de Linguistique Romane*.

Todavia, a antiga denominação de Filologia se tem mantido pelos seguintes motivos: a) no domínio românico há grande quantidade de textos, que não podem ser transcurados; b) a comparação parte dos textos e volta a eles finalmente, como é próprio dos estudos filológicos, conforme ficou dito. No âmbito do indo-europeu, onde não existem textos, já não cabe a designação Filologia. De resto sempre se disse Lingüística Indo-Européia. Em resumo: A Lingüística é a ciência dos fatos da linguagem, estudados em todos os seus aspectos. Logo, todo filólogo é *ipso facto* lingüista, em sentido lato. Mas há outros domínios da ciência da linguagem que escapam ao ofício do filólogo. Aqueles, por exemplo, em que se traçam as causas gerais dos fenômenos lingüísticos, abstraídas as determinações específicas de tempo e lugar. É a chamada Lingüística Geral. Terreno comum é o constituído pela Filologia Comparada: pelo seu *desiderato* de elevar-se

EPIGRAFIA

Parte da paleografia que estuda as inscrições, i. e., a escrita antiga em material resistente (pedra, metal, argila, cera, etc.), incluindo sua decifração, datação e interpretação.

ALÇAR

Tornar alto; altear, erguer, levantar, alcear.

COLIGIR

Reunir em coleção, massa ou feixe; ajuntar (o que está esparso).

STRITO SENSU

No sentido restrito

LEIS FONÉTICAS

Princípios da regularidade das mudanças fonéticas.

TRANSCURAR

Esquecer-se de; preterir, descurar.

IPSO FACTO

Pelo mesmo fato.

DESIDERATO

Aquilo que se deseja, a que se aspira; aspiração.

a princípios gerais de explicação, aproxima-se esta da Linguística; mas a existência de textos em que se fundamentam essas explicações traz-lhe parentesco com a Filologia. Quando o comparatismo não pode apoiar-se em textos, não cabe falar em Filologia. Daí, como já se disse, o ramo de estudos chamado “Linguística Indo-Européia”.

Referência Bibliográfica

BOURCIEZ, Edouard. *Eléments de Linguistique Romane*. 4ª. Ed. Paris: Klincksieck, 1956.

BIBLIOGRAFIA

BÁSICA

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de Filologia Portuguesa*. São Paulo: editora Saraiva, 1967.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina: reflexo de uma sociedade*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1997. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3\(7\)43-53.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3(7)43-53.html), acessado em 06/05/2008.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1981.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa, seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Lisboa: Dinalivro, 1946.

COMPLEMENTAR

ORLANDI, Eni e RODRIGUES, Suzy L. (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

RESUMO DA ATIVIDADE

A atividade 1 teve por objetivo apresentar o conceito de Filologia. Você aprendeu que a Filologia estuda a cultura e as civilizações de um povo, em determinada época da sua história, por meio de documentos e textos literários. Aprendeu que a Filologia é uma ciência com objeto formal estabelecido, os textos escritos; com método investigativo próprio, o método histórico-comparativo e com objetivos específicos, fixar, interpretar e comentar os textos. Aprendeu também que a Filologia busca concentrar-se no estudo de ‘textos’ (obras literárias), ao passo que a Linguística propõe-se a alcançar o conhecimento da língua em si mesma, como fato social da linguagem.

ROMÂNICA

A FILOLOGIA

u n i d a d e 2

A FORMAÇÃO DA ROMÂNIA

a t i v i d a d e 2

OBJETIVOS

Ao final desta atividade, você deverá ser capaz de

- conceituar a România;
- identificar os períodos da România;
- distinguir as fases da evolução das línguas românicas.

Na atividade 1 da unidade I, você aprendeu que a Filologia busca o conhecimento de uma civilização, de uma cultura por meio de documentos escritos, tendo como instrumento principal o estudo da língua em que foram escritos tais documentos. Assim, podemos distinguir tantas filologias quantas forem as línguas e as civilizações. Há a filologia italiana, a filologia provençal, a filologia espanhola, a filologia portuguesa, a filologia árabe, etc.

Nesta disciplina, cujo nome é Filologia Românica, você tem como objeto de estudo os documentos literários escritos nas chamadas línguas românicas. Para proceder a este estudo você precisa entender como se deu a formação da România e a conseqüente evolução das línguas ali originadas.

Esta atividade dedica-se a apresentar algumas informações básicas sobre a România: conceito, períodos e fases da evolução das línguas românicas.

Conceito de România

A formação da România é decorrência do percurso histórico do Império Romano e da língua latina, desde a expansão territorial, por intermédio de guerras, até a dissolução e queda do Império. As conquistas do Império Romano contribuíram para a divulgação do latim como língua oficial do Império. Como conseqüência disso, o contato dos romanos com as diferentes famílias lingüísticas dos povos dominados deu origem a novas línguas, denominadas línguas românicas. Os estados que se formaram após o domínio romano se autodenominavam como romanos, sendo que a unidade lingüística e cultural dos territórios outrora sob domínio romano ficou conhecida como România.

O termo România surgiu a partir de *romanus*, que formou o advérbio *romanice* ou “à maneira ou costume romano”, que originou um novo advérbio, *romance*, que se aplicava a qualquer texto ou composição escrita em uma das línguas vulgares. O termo România foi usado modernamente para se referir a toda área ocupada por línguas de origem latina, sendo que os limites da România atual e do antigo Império Romano não coincidem.

ROMANCE

Cada uma das variedades surgidas da evolução do latim vulgar, falado pelas populações que ocupavam as diversas regiões da România e que se constituiu na fase preliminar de uma língua românica.

Pode-se apontar como fatores que contribuíram para que o latim não se mantivesse como a língua falada em todo o Império; a romanização superficial, a superioridade cultural dos vencidos e a superposição maciça de populações não-romanas. Por meio dos movimentos de propagação do catolicismo e das grandes navegações, as línguas românicas chegaram a novos continentes e atingiram o *status* de línguas oficiais, como o português, o espanhol, o francês e o italiano.

O texto que servirá de base para este estudo está no capítulo 4, intitulado “A România”, de Bassetto (2005, p. 177-186), que dá início ao seu trabalho conceituando o termo România como o conjunto dos territórios onde se falou latim ou onde se fala atualmente uma língua românica, incluindo a sua literatura e a cultura de seu povo. Antes, porém, o autor discorre sobre a origem do termo România. Leia o trecho abaixo. Ele o(a) ajudará na compreensão do conceito de România.

Conceito de România

Documentado pela primeira vez por Paulo Osório, discípulo de Santo Agostinho, em *Historiae Adversus Paganos* (VII,6,43), o termo România parece ser um criação popular, já que ao citá-la Paulo Osório acrescenta “*ut vulgariter loquar*” (“para falar de modo popular”). Inicialmente, como “romano” se opunha a “bárbaro”, no sentido de “estrangeiro”, ou seja, “não latino” ou “ não grego”, România se opunha a *barbaria* e *barbaries*; nesse sentido, no período clássico encontra-se o termo *Barbaria*. Quanto a România, porém, não se sabe quando passou a ser corrente; a expressão de Paulo Osório faz supor que se trata de um termo usual na língua falada, designando todo o império romano ou o mundo romano. Curiosamente, atestação de România coincide com o período em que o mundo romano se esfacelava e os godos pretendiam construir a Gótia sobre as ruínas da România. O termo ocorre também no biógrafo de Santo Agostinho, Possídio, que qualifica os vândalos de “*Romaniae eversores*”.

No Oriente, encontram-se várias atestações de România, empregado como sinônima de Império Romano tanto Ocidental como Oriental. Assim, Santo Atanásio (295-373) considera Roma a “capital da România”: *Μητρόπολις ἢ Ῥώμη τῆς Ῥωμανίας*. Também Santo Epifânio (315-403) diz que o espírito demoníaco dominou Ario e o levou a pôr fogo na Igreja. Fogo “*ὁ κατεῖληψε πᾶσαν τὴν Ῥωμαναν σχεδόν, μάλιστα τῆς ἀνατολῆς τὰ μέρη*”. (“que incendiou quase toda a România, sobretudo as partes do Oriente”).

No Ocidente, România mantém o sentido político equivalente a Império Romano, como o atesta o historiador dos godos Jordanes, em *Getica*, 25: “*Diuque cogitante (Visigothae) tandem communi placito legatos ad Romaniam direxere, ad Valentem imperatorem, fratrem Valentiniani*”. (E refletindo por muito tempo, finalmente os visigodos, de comum acordo, enviaram legados à România, ao imperador valente, irmão de Valentiniano). Posteriormente, sobretudo onde se falava uma língua românica. Quando Carlos Magno fundou o chamado Sacro Império Romano, România adquiriu também um sentido político, como o

VISIGODOS

Povo antigo da Germânia, que, do séc. III ao V, invadiu os impérios romanos do Ocidente e do Oriente. Dividiam-se em ostrogodos (godos do Leste) e visigodos (godos do Oeste).

EXARCADO

Território governado por um exarco, delegado dos imperadores de Bizâncio na Itália ou na África.

denota um documento do rei Luís, o Pio, e de Lotário, em que se alude a “*in nostris et Romaniae finibus*” (“nos nossos territórios e nos da România”). Quando, porém, o poder passou a ser exercido por imperadores residentes na Germânia, o termo România voltou a designar apenas os territórios de línguas românicas, particularmente a Itália.

Assim, sem conteúdo semântico bem definido, o termo chega até a se opor simplesmente a Lombardia, especialmente depois que os bizantinos conquistaram o exarcado de Ravena e a região de Pontápole que, por ser a única na Itália a pertencer ao Império Romano do Oriente, era designado por “România”, donde o nome da atual “*Ramagna*”, único topônimo derivado de România. Era considerada uma “Romaníola”, ou seja, uma pequena România, provindo daí o adjetivo étnico *romagnolo*.

O moderno conceito de România, porém, somente foi fixado com o advento da Filologia Românica. Em sua *grammatik der romnischen Sprache*, de 1836 [cf.edição francesa de 1874], Friedrich Diez (1794-1876) consagrou o termo ao dividir a România em Ocidental e Oriental, no que foi seguido posteriormente pelos romanistas em geral; com isso, o termo se tornou corrente. Gaston Paris buscou definir esse conceito em 1872; com base na tradição, define-se România como o conjunto dos territórios onde se falou latim ou onde se fala atualmente uma língua românica, incluindo as respectivas literaturas e a cultura de seus povos. Levando-se em conta as mudanças ocorridas no tempo e no espaço relativas à abrangência dos territórios considerados românicos distinguem-se três fases na história da România.

Referência bibliográfica

DIEZ, Friedrich. *Grammaire des langues romanes*. 3. ed. Paris: A. Franck Édit., 1874, 3 vol. (1836)

Em seguida, Bassetto (2005) apresenta os períodos da România: a România Antiga, a România Medieval e a România Moderna.

Períodos da România**România Antiga**

Bassetto (2005) identifica a România Antiga como um conjunto de territórios com um total de 301 províncias. O texto apresentado a seguir (p. 179) o(a) ajudará a entender o conceito de România Antiga.

România Antiga

Como se notou, as primeiras atestações da România indicam que o termo era sinônimo de Império Romano ou Orbe Romano, com denotação étnica e política no Ocidente e apenas política no Oriente. A esse conjunto de territórios, que nos primeiros decênios do século II d.C. atingiu sua extensão máxima, com um total de 301

províncias, dá-se o nome de România Antiga. A denominação se apóia em critérios mais políticos que lingüísticos e culturais. É certo que em todas as províncias, mesmo nas mais distantes, o latim era falado pelo menos pelo exército, pela administração, pelos colonos e comerciantes. Mas houve províncias que fizeram parte dessa România Antiga por muito pouco tempo, como a Armênia (de 114 a 117 d.C.), a Assíria e a Mesopotâmia (de 115 a 117 d.C.), nas quais a latinização foi nula. Em todo o Oriente, a língua usual era o grego, e o latim não chegou a se impor; basta lembrar que dos milhares de papiros existentes, provenientes daquela região, apenas cerca de quatrocentos são escritos em latim e, mesmo assim, há os grafados com caracteres gregos; e a influência grega é perceptível praticamente em todos eles.

Outras regiões, como os *Agri Decumates*, a leste do rio Reno e norte do rio Danúbio, e também a Britânia, conquistada lentamente entre 43 a 71 d.C., foram latinizadas apenas superficialmente; nesses territórios, a presença romana deixou seus traços em numerosas ruínas de obras públicas, tais como aquedutos, teatros, estradas etc., mas poucos vestígios do latim.

România Medieval

Na seqüência, Bassetto (2005, p.179-181) apresenta o conceito de România Medieval afirmando que a expressão diz respeito às regiões em que se continuou a falar o latim vulgar, após a queda do Império Romano do Ocidente, em 476. Leia o trecho abaixo e saiba mais sobre a România Medieval.

România Medieval

A redução da România Antiga começou, portanto, já no século II d.C.. As invasões dos povos germânicos e eslavos, como se viu, causaram a fragmentação primeiramente política e posteriormente lingüística da România. O Império do Oriente subsistiu ainda por cerca de dez séculos; ali, porém, o predomínio da língua e da cultura gregas sempre foi incontestável, embora o latim tivesse sido a língua oficial por muito tempo.

Assim, com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, o conceito de România passou a ser principalmente cultural e lingüístico e eventualmente político. A România Medieval abrange as regiões em que se continuou a falar o latim vulgar, agora em rápido processo de fragmentação rumo a dialetos e línguas românicas através da fase romance. Trata-se de uma România reduzida, composta pela Itália, Récia, Gália, Ibéria, ilhas mediterrâneas, Dalmácia e Dácia, territórios onde, *grasso modo*, nasceriam os dialetos e as línguas românicas. Perderam-se as já citadas regiões fracamente romanizadas; os Bálcãs, como o atestam dados do substrato em vários pontos, desromanizaram-se mais lentamente. A Dalmácia continuou pertencendo ao Império do Ocidente na divisão de 395, depois da morte de Teodósio, o Grande, enquanto a região do leste, dita “Praevalitana”, passou a pertencer ao do Oriente. Assim, a antiga Dalmácia permaneceu por mais um século e meio sob a influência de Roma, tendo sido dominada por Constantinopla em 535; com isso, sua evolução lingüística acompanhou em parte a das línguas românicas ocidentais. Explica-se desse modo que o ragusano, dialeto da região de Ragusa ao sul, só tenha desaparecido no século XV; e o dalmático, língua falada ao longo da costa do mar Adriático e cujo último reduto foi a

ilha de Veglia ou Querso (esl. Krk), donde o nome *veglioto*, descoberto e estudado por Matteo Bartoli, desapareceu somente no fim do século passado.

A perda desse território da România começou durante a Idade Média; os dialetos românicos foram sendo lentamente empurrados em direção ao mar, tornando-se substrato das línguas eslavas hoje ali dominantes. A Dácia, mesmo isolada e totalmente cercada por falares não românicos, nunca deixou de fazer parte da România, bem como pequenas ilhas lingüísticas onde se falam variedades consideradas dialetos do romeno.

Na Gália, perdeu-se a parte oriental da Bélgica e parte da Bretanha, ocupada pelos bretões celtas provenientes, no século VI, das ilhas britânicas e falantes de uma variedade lingüística do ramo celta britânico, como o címrico e o córnico. Na Península Ibérica, exclui-se apenas o País Basco, na divisa com a França e ao longo do *golfo* de Biscaia; seu território, porém, vem sendo diminuído através dos séculos; hoje abrange aproximadamente a metade do espaço que ocupava no século XVI.

No continente africano, as perdas da România foram grandes. A África Romana constava da *Africa Proconsularis* (região da antiga Cartago), da *Mauretania Caesarensis*, *Tingitana* e *Numidia*, ou seja, do Marrocos à Tripolitânea em termos atuais. Todo o norte africano havia sido bem romanizado até Leptis Magna, na província da *Africa Proconsularis*; nos territórios mais ao oriente, a presença grega era grande e a latinização extremamente tênue. Com a invasão dos vândalos e a subsequente formação do primeiro reino bárbaro dos vândalos (429-534) em território do Império, a cultura latina começou a ser erradicada do norte da África; com a tomada de Cartago por Abd El-Malik, em 698, e implantação do domínio árabe, os traços da cultura latina foram quase totalmente eliminados, tanto que nem o domínio de franceses e espanhóis em séculos posteriores conseguiu reanimá-los.

Com todas essas perdas, a România Medieval representa a fase territorialmente menos extensa, mas foi nela que as línguas românicas se formaram.

România Moderna

Por último, Bassetto (2005, p. 181-183) apresenta o terceiro período da România: a România Moderna. Afirmar que este período é o mais amplo dos três, graças às conquistas de novos territórios, especialmente da África, pelos portugueses e espanhóis, no fim do século XV; quando, com objetivos religiosos, econômicos e comerciais, se lançaram ao mar para conquistar novas terras. Leia o trecho apresentado a seguir e conheça as regiões que fazem parte da România Moderna.

România Moderna

A fase moderna da România começa no fim do século XV, quando portugueses e espanhóis, levados pelo êxito da reconquista da Península Ibérica, atacaram o norte da África; os portugueses ocupam Tânger e Ceuta (1471) e os espanhóis, Melila (1497) e Oram (1509) na região do atual Marrocos. Ao mesmo tempo, os portugueses projetam contornar a África para continuar a combater o islamismo e completar a reconquista, além de reaver a Terra Santa com a ajuda de um certo Padre João, da Abissínia, que se supunha cristão. A esses objetivos religiosos juntaram-se outros, econômicos e

comerciais, como estabelecer relações diretas com a África Oriental, tendo em vista escravos, ouro, especiarias e outras mercadorias.

Iniciaram-se, assim, as grandes navegações com a descoberta da Ilha da Madeira (1419), dos Açores (1431) e Cabo Verde (1445). Vasco da Gama encontra a rota para as Índias em 1498, contornando o cabo das Tormentas e, em 1500, Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil. Cristóvão Colombo descobre a América Central em 1492, seguido por numerosas expedições que incorporaram grande parte das Américas ao reino espanhol e nelas implantaram a língua castelhana. A primeira grande expedição francesa para a América do Norte é de 1524 e a seguinte de 1534, chefiadas respectivamente pelo florentino Verrazano e por Jacques Cartier. Samuel de Champlain (1567-1635) é o primeiro governador do Canadá, com autoridade sobre a Terra Nova, Nova Escócia e Nova França; com a chegada de mais de 10.000 colonos franceses, outra língua românica é implantada no Novo Mundo. Nas Antilhas, o francês foi introduzido em São Cristóvão (1625), São Domingos, Guadalupe, Martinica (1635) e Haiti (1655); no continente da América do Sul, o francês só é falado na Guiana Francesa.

Na África, o português foi implantado com as sucessivas conquistas na Guiné Portuguesa, Angola, Moçambique e nas ilhas de Príncipe e São Tomé. As possessões espanholas na África não chegaram a implantar o espanhol, como em Rio d'Ouro (na altura das Canárias) e na Guiné Espanhola. O francês convive ainda hoje com dialetos locais nas antigas possessões da África Ocidental Francesa (1904), África Equatorial Francesa (1852-1905), em Madagascar (1896), Marrocos e Congo Francês. A Argélia pertenceu à França de 1830 a 1962, ano em que lhe foi concedida a independência completa, condicionada apenas à concessão de garantias aos franceses ali residentes. Em 1906, cerca de 13% da população era francesa; com a independência, muitos desses franceses denominados “pieds noirs” (“pés pretos”) emigraram. Por causa do grande número de variedades dialetais autóctones, o francês ainda hoje é a língua de cultura tanto nos países do norte da África (Argélia, Tunísia, Marrocos) como nos territórios centrais do continente, que foram antigas possessões francesas.

No Oriente, o português se fixou nos pequenos enclaves conquistados na Índia: Diu, Damão, Goa, Mangalor; com a ocupação militar desses territórios por Nehru, em 1961, a situação do português ficou difícil. Já em Macau, na foz do rio Sikiang na China, o português evoluiu para um dialeto crioulo ainda hoje existente, tendo acontecido o mesmo em Jaua, Málaca e Singapura e em alguns pontos da ilha do Ceilão, onde se fala o crioulo malaio-português. Também o castelhano das Filipinas veio a se transformar em um tipo crioulo. De modo semelhante, na ilha de Curaçao, próxima da Venezuela, nas Antilhas, formou-se uma variedade crioula, denominada “papiamento”, com base inicial portuguesa mas atualmente com forte influência castelhana, que dispõe até de modesta literatura e é usada em jornais e revistas, embora a ilha seja uma possessão holandesa. Em fins do século passado, as possessões francesas no Oriente compreendiam a Cochinchina (1862), o Cambodja (1863), o território do atual Vietnam (1883), Laos (1893) e Tonkin, ao norte (1884); na Península da Índia, pertenceram à França os enclaves de Yanaon, Mahé e Pondichery; na Oceania, as ilhas Marquesas, Tahiti e Tuomotu entre outras. Mais permanente é a influência do francês nas ilhas da Oceania do que nos territórios do continente asiático, onde o francês permaneceu nos meios cultos.

Convém ainda lembrar as migrações, que têm levado milhares de falantes de uma língua românica para países ou regiões de língua não românica, em busca de

ENCLAVE

Terreno ou território encravado noutro.

SEFARDITAS

Diz-se dos judeus descendentes dos primeiros israelitas de Portugal e da Espanha, expulsos, respectivamente, em 1496 e 1492 (sefaraditas).

melhores condições de vida, como os milhões de latinos que vivem nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha e alhures. No cômputo geral, esses migrantes representam um número expressivo, difícil, porém, de ser calculado, tendo em vista que muitos deles são clandestinos.

Há ainda grupos isolados de fala românica, embora restrita, como os sefaraditas levantinos, judeus de fala castelhana, expulsos em 1492 e acolhidos inicialmente pela Turquia; atualmente, vivem também na Bósnia, Macedônia, Bulgária, Romênia e Grécia; o castelhano deles ainda hoje corresponde ao do período clássico, com a conservação do /f/, que não passou a /h/ ou a /ɸ/, distinção das sibilantes /s/ e /z/ surdas e sonoras etc., e que é conhecido como “ladino”, quando usado nos livros religiosos. Parte deles concentrou-se em Salônica, onde chegaram a constituir metade da população. De Portugal, os judeus foram expulsos por D. Manuel I, o Venturoso, em 1496; fixaram-se sobretudo na Holanda, na capital Amsterdam, na Alemanha, na cidade de Hamburgo e na Baviera, e na Itália em Livorno. Um manuscrito do século XVIII afirma que os judeus da Holanda e de Livorno falavam todos o português. Atualmente, porém, é certo que os de Livorno falam o italiano; na Alemanha e na Holanda, o português conservou-se por mais tempo, como também o castelhano no ambiente sefardita, mas atualmente restam apenas alguns nomes de família e um número restrito de vocábulos.

O esboço acima traçado da expansão dos povos e coletividade de língua românica mostra que a România Moderna é a mais ampla das três, embora não se tenha fixado em todos os territórios para os quais a respectiva língua românica foi levada. De qualquer forma, porém, as línguas românicas são faladas em todos os continentes, detentoras em toda parte duma literatura muito vasta e valiosa.

EXERCÍCIO

As questões abaixo o(a) ajudarão na compreensão do conceito de România. Discuta as suas respostas com o tutor, no próximo encontro presencial.

1. Analise as afirmações abaixo e escolha a que melhor conceitua o termo România. Justifique, em um texto de, no máximo, 5 linhas, sua escolha.

a) Se o Império sobreviveu como ideal de ordem política durante toda a Idade Média, a unidade lingüística e cultural dos territórios romanizados não impressionou menos os antigos, romanos ou bárbaros. Para denominar essa diversidade lingüística e cultural, emprega-se o termo România.

b) Em termos restritos, conceitua-se, lingüisticamente, a România como toda a área geográfica que, em virtude das conquistas romanas, foi latinizada. Convém lembrar, porém, que essa latinização não constituiu substrato étnico uniforme. Em termos amplos, a România abrange toda a área geográfica por onde se expandiram os idiomas neolatinos na África, na América, na Ásia e na Oceania.

c) O termo România é usado modernamente referindo-se a toda área ocupada por línguas de origem latina, sendo que os limites da România atual e do antigo Império Romano coincidem.

2. Para verificar se aprendeu os conceitos relativos aos períodos da România, elabore um texto de, no máximo, de 5 linhas, sobre cada um dos itens abaixo.

- a) România Antiga
- b) România Medieval
- c) România Moderna

Fases da Evolução das Línguas Românicas

O que você estudou acima são os aspectos relativos à localização do latim e das línguas românicas no espaço, aspectos mais relacionados com sua história externa. Agora você vai estudar as fases da evolução interna das línguas românicas, ou seja, as fases por meio das quais o latim, em sua variedade vulgar, originou as línguas românicas: a fase latina, a fase romance (intermediária) e a fase das línguas românicas modernas.

A fase latina

A fase latina compreende o período de formação do Império Romano (aproximadamente do século VI a.C. ao século V ou VI d.C.), em que o latim, tanto na variante vulgar quanto na clássica, tornou-se a língua do Império. Convém ressaltar que o latim, levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se pela força das próprias circunstâncias: tinha o prestígio de língua oficial, servia de veículo a uma cultura superior, era o idioma da escola.

Enquanto houve unidade política no Império Romano, o latim vulgar apresentava relativa coesão interna. A partir do século V d.C., com a queda do Império Romano, decorrente da invasão dos bárbaros, o latim vulgar entrou em processo de fragmentação mais ou menos rápido conforme a região. A rapidez da fragmentação foi determinada por fatores como o grau de latinização e a ação dos substratos e superstratos, além das variações dialetais do próprio latim vulgar.

Para entender um pouco mais o latim que serviu de base para a formação das línguas românicas, leia o trecho abaixo, de Bassetto (2005, p. 184), que afirma que o latim vulgar, como toda língua ou dialeto falado em regiões amplas, apresenta uma uniformidade básica com variantes mais ou menos notáveis.

Fase Latina

Quanto a essas variedades do latim vulgar, muito se tem discutido. Levados pelo propósito de dar às línguas românicas uma fonte única, romanistas do século passado exageraram em salientar uma homogeneidade quase absoluta, dificilmente sustentável. Contudo, as divergências de pormenor entre as línguas românicas postulam bases latinas vulgares diversificadas e explicadas pela época em que a região foi latinizada, pelas distâncias em relação ao centro e pela dificuldade de acesso e de comunicação. Desse modo, as regiões de colonização mais antiga teriam um latim mais arcaico, enquanto as mais recentes apresentariam uma língua mais evoluída. A distância da Ibéria e da Dácia, em relação a Roma, explicaria os arcaísmos do latim vulgar dessas regiões, o mesmo acontecendo com a Sardenha, pelas dificuldades de acesso, além das inibições normais decorrentes de se considerar a ilha como terra de degredo. Essas circunstâncias, porém, podem ter sido atenuadas pela presença da administração e os outros fatores apontados.

Por outro lado, são também inegáveis as numerosas concordâncias no léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe. Em conclusão, pode-se afirmar que o latim vulgar, como toda língua ou dialeto falado em regiões amplas, apresenta uma uniformidade básica com variantes mais ou menos notáveis.

A unidade do grande Império, não obstante a diversidade de povos que o compunham, arrancou do poeta Rutilio Namaciano esta exclamação: *“Fizeste uma pátria única, de diversas nações; fizeste uma cidade que antes era um mundo”*.

A fase romance

Você já sabe que a modalidade do latim que mais substancialmente contribuiu para a formação das línguas românicas foi a falada pelos colonos e soldados. Quando os romanos conquistavam outros povos, ao lado dos soldados seguiam pedagogos, funcionários e outros profissionais necessários à consolidação da conquista. A língua foi, evidentemente, ensinada nas escolas fundadas, ao mesmo tempo em que se infiltrava na massa popular, impondo-se como instrumento de maior cultura e como idioma do conquistador.

Tudo indica que os romanos não impunham diretamente a língua latina, mas fato é que as circunstâncias gerais e o serem eles os conquistadores determinavam o predomínio do latim sobre as línguas nativas. Desta ou daquela forma, o certo é que essas línguas acabaram absorvidas pelo latim falado. Mas a absorção não se poderia dar sem conseqüências diferenciadoras e, semelhantemente ao que sucede a qualquer língua falada por uma coletividade estrangeira, o latim foi-se alterando, em função das necessidades regionais, dos hábitos fonéticos do povo conquistado e da época da romanização da província. Enquanto perduraram a unidade política e a influência conservadora das escolas, aquelas alterações iam-se infiltrando, discretamente, porém.

A invasão dos bárbaros, no século V, e a conseqüente quebra da unidade política do Império fizeram com que as diferenças regionais se acentuassem.

O latim, fortemente abalado, cedeu ao crescente prestígio das novas formas de expressão, fragmentando-se em diversas línguas.

Para uma melhor compreensão dessa fase embrionária das línguas neolatinas, chamada de *romance*, leia o trecho abaixo, de Basseto (2005, p. 185).

Fase Romance

Esta fase abrange o período em que o latim vulgar começa a se modificar até se transformar nas línguas românicas modernas. Trata-se de um processo lento, que se estende por séculos e acabou por alterar estruturalmente o latim vulgar e fragmentar sua unidade no plano territorial. Cronologicamente, é muito difícil estabelecer datas, mesmo aproximadas; entretanto, admite-se que a perda da quantidade vocálica e sua substituição pelo acento de intensidade e outras modificações fonéticas se deram nos séculos IV e V. As modificações morfológicas e sintáticas, como a substituição dos casos por torneos preposicionados, a criação dos artigos, a conjugação passiva só analítica, as formas verbais perifrásticas etc. tornam-se claras apenas nos séculos VII ou VIII. Essas breves averiguações mostram que não houve nenhum limite cronológico claro entre o latim e as línguas românicas, não sendo, portanto, possível dizer quando o latim vulgar deixou de ser falado, pois foi um processo gradual sem maiores injunções, cujo “terminus ad quem” são as línguas românicas.

Chegou-se, assim, a uma época em que esse conjunto de modificações fez com que o latim já não fosse mais entendido. A esse tipo de linguajar se deu o nome de *romance*, originário do *Romanice fabulare*, oposto ao *Latine loqui*. A primeira atestação, muito clara, da existência desse romance é o já citado cânon 17 das resoluções do Concílio de Tours. Sabendo-se que qualquer modificação em grandes instituições, como a Igreja, é lenta, pode-se afirmar com segurança que já antes do século IX o povo em geral ou grande parte dele só falava o romance e não entendia mais latim, conhecido apenas por aqueles que freqüentavam as escolas e essas eram poucas, destinadas preferencialmente a nobres e clérigos.

Da mesma forma que o latim vulgar, as variedades não foram escritas. Os que escreviam, faziam-no em latim medieval, sob as mais diversas denominações, como latim patrístico, litúrgico, eclesiástico, dos diplomas, das chancelarias, notarial, dos tabeliães etc., ainda que nesses documentos se encontrem muitos termos romances, mais numerosos que os do latim vulgar em textos literários. A atitude das pessoas cultas em relação ao romance era semelhante à dos escritores e gramáticos latinos relativamente ao *sermo plebeius*. Entretanto, em razão de essa elite culta, não houve de fato interrupção entre a literatura latina tardia e a literatura latina medieval; os modelos para a prosa e para o verso continuaram a ser os clássicos, residindo a dificuldade, cada vez maior, no manejo de uma língua não mais falada ordinariamente; nesse contexto, surgem os glossários, destinados a facilitar a leitura de textos em latim, língua que já soava diferente, como quando lemos textos do português arcaico.

O processo modificador, em direção ao romance e às línguas românicas, começou bem cedo sob a influência dos substratos e dos adstratos, já durante o período do bilingüismo. Datam desses primórdios os empréstimos léxicos das línguas itálicas

(toscano, prenestino, paduano etc.), que Quintiliano considera como *verba peregrina* (“palavras estrangeiras”), embora afirmando “licet omnia Italica pro Romanis habeant” (“ainda que considere romanas todas as [palavras] itálicas”) em sua *Institutio Oratoriae* 1.5.56. Com a queda do Império, as forças do substrato e do superstrato aceleram o processo, ocasionando o que W. von Wartburg denominou *Ausgliederung*, desmembramento ou fragmentação lingüística da România.

A evolução desse processo modificador e fragmentador era percebida por observadores, como São Jerônimo (348-420), discípulo de Aelius Donatus, ao afirmar que o latim se modificava “et regionibus quotidie... et tempore” (*Comm. ad. Gal.* 2.3). A hipérbole expressa pelo *quotidie* (“diariamente”) denota a rapidez da fragmentação lingüística aos olhos do autor. Os regionalismos e os empréstimos léxicos se multiplicam e se fortalecem. A ausência de um fator de unificação, como havia sido, por exemplo, a administração romana, facilitou a ação, embora inconsciente, das tendências modificadoras na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico.

Nessa fase, a fragmentação da România foi tão grande que nenhuma variedade lingüística conseguiu a princípio destacar-se como comum a alguma região mais vasta, conforme se vê na história de cada uma das línguas neolatinas ou românicas: o português, o galego, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o franco-provençal, o italiano, o rético e o romeno.

EXERCÍCIO

A questão abaixo servirá para você mostrar que compreendeu os conceitos que foram estudados até aqui. Discuta a sua resposta com o tutor, no próximo encontro presencial.

1. Levando em conta tudo o que você aprendeu, até o momento, sobre as fases da evolução das línguas românicas, redija um texto de, no máximo, 10 linhas sobre os aspectos que caracterizam cada uma delas.

A Fase das Línguas Românicas Modernas

Com a queda do Império Romano, séc. V d.C., surgiram vários reinos construídos pelos povos bárbaros sobre as ruínas do antigo Império. As populações românicas, entretanto, mantiveram por muito tempo ainda o sentimento de pertencerem a uma só grande nação. O *romance* local preenchia muito bem esse sentimento, uma forma popular e familiar da língua comum, o latim. Por outro lado, o cristianismo não favorecia o aparecimento do nacionalismo e com ele o anseio por uma língua nacional distintiva. A leitura do texto abaixo, de Bassetto (2005, p. 186-188), o(a) ajudará a compreender as diversas fases da constituição das línguas românicas.

Fase das Línguas Românicas Modernas

Quando, porém, os limites das diversas nações vieram a tornar-se menos instáveis e os falares românicos assumiram o *status* de línguas literárias, ainda que de modo bastante lento, a situação se altera. De início, porém, não se pode falar a rigor de línguas; são antes um conjunto de dialetos. Razões diversas levaram uma dessas variedades a se destacar e depois a se impor sobre as demais, relegando-as ao plano familiar ou, no máximo, regional.

A fase romance é variável para as diversas línguas românicas, de modo que as respectivas línguas literárias surgem em épocas diferentes; os primeiros documentos surgem entre os séculos IX e XVI. Assim, consideram-se os dois textos em “romana língua” dos *Juramentos de Estrasburgo* (842) o primeiro documento em uma língua românica. Contudo, não se sabe com certeza de que região da França seria dialeto usado; os **cultismos** indicam certa elaboração, como o emprego do subjuntivo *sit*, dificilmente admissível como vulgar. Só no ano de 987, a corte real francesa se instala na Île-de-France, iniciando com isso a elevação do dialeto local, o frâncico, até então sem qualquer notoriedade, à condição de língua oficial e, posteriormente, literária, o que vem a se concretizar apenas no século XV. Nessa escalada, essencial lhe foi o apoio político, sobretudo em sua luta contra a concorrência do normando no século XII e a do picardo no século XIII.

Em português, os primeiros documentos começaram a surgir no século XII: a poesia datável mais antiga é a cantiga de amor de Paay Soarez de Taveiros - “No mundo non m’ei parella” - escrita entre 1189 a 1206. Formado com base nos falares de Lisboa e de Coimbra e maiores contribuições dos dialetos do sul que dos do norte, o português literário não sofreu concorrências dialetais, como o francês, mas teve que firmar sua identidade perante o castelhano. Assim, Gil Vicente (1470-1540) tem autos e farsas em português e em castelhano e em algumas de suas obras usou as duas línguas, refletindo uma situação em que não eram ainda bem claros os limites distintivos entre as duas línguas, o que vai ocorrer com Luis Vaz de Camões (1524-1580) em *Os Lusíadas* (1572).

De modo geral, as línguas românicas assumiram sua feição literária definitiva nos séculos XV e XVI: em algumas há consideráveis diferenças entre a língua dos primeiros documentos e a literária moderna. Lendo-se, por exemplo, a *Chanson de Roland* tem-se a impressão de uma língua estranha com muitos poucos pontos de contato com o Francês atual; o mesmo acontece com o castelhano do *Cantar del mio Cid*, embora em menor proporção.

Nessa perspectiva, o provençal dos séculos XI ao XIII, como língua literária da lírica trovadoresca, apresenta notável unidade, apesar das variações dialetais. Da mesma forma, o catalão literário dos séculos XIII, XIV e XV se caracteriza por uma extraordinária unidade lingüística, explicada pelo fato de ter como modelo a língua oficial da chancelaria do reino de Aragão.

A língua literária italiana fundamenta-se nas obras de Dante Alighieri (1265-1321), Francesco Petrarca (1304-1374) e Giovanni Boccaccio (1313-1375), escritas, em parte, no dialeto toscano ou, mais precisamente, florentino. Quando a *Accademia della Crusca*, influenciada pelas *Prose della volgar lingua*, publicadas em 1525 por Pietro Bembo, escolheu como modelo de seu primeiro dicionário a língua daquela famosa tríade, especialmente a de Boccaccio, o florentino do século XIV se consagrou como

CULTISMO

Relativo ao culto, erudito.

a língua literária da Itália, caso único entre as línguas românicas. Esse retorno ao modelo medieval, já literário, explica a manutenção das mesmas feições lingüísticas, tanto que um leitor italiano de hoje não encontra maiores dificuldades em compreender a *Divina Comédia* de Dante, a não ser uma ou outra expressão. A grande aceitação da variante florentina entre os intelectuais obstou que outros dialetos chegassem à condição ambicionada de língua literária.

No conjunto das línguas românicas, os motivos principais que levam uma variedade dialetal à categoria de língua literária são de ordem cultural e política. Onde nenhum desses motivos foi suficientemente forte, nenhuma variedade lingüística conseguiu sobrepor-se às demais; é o que se deu com o rético, em cujo ramo ocidental pelo menos cinco dialetos ainda disputam o privilégio de ser a língua literária. Na Romênia, a falta de unidade política fez com que a verdadeira literatura romena só surgisse no século XIX.

Em conclusão, cada língua românica tem sua história característica e uma trajetória própria, que convém conhecer.

Apesar de o Império Romano do Ocidente ter desmoronado em 476, as instituições políticas, os fundamentos jurídicos, os cânones literários e artísticos da Roma Antiga, bem como a própria língua latina, sobreviveram até a era moderna. A língua latina constituiu-se o veículo de transmissão do patrimônio cultural da Antigüidade. Ao lado do grego, foi, durante muito tempo, considerada uma língua digna da literatura, da poesia, da ciência, da filosofia, da religião, etc. Em face disso, as línguas vulgares mantiveram entre si uma posição de igualdade, de equivalência, e, ao mesmo tempo, de submissão cultural à influência greco-latina. Com efeito, ainda hoje, a maioria dos termos técnicos, científicos ou simplesmente os vocábulos de cultura de qualquer língua ocidental são empréstimos das línguas clássicas ou estão formados com elementos morfológicos dessas línguas e segundo seus modelos.

EXERCÍCIO

Para fixar melhor seu entendimento sobre a leitura anterior, responda às questões abaixo:

- 1) Qual o primeiro dialeto reconhecido como língua oficial?
- 2) Qual a importância da cantiga de amor “*No mundo non m’ei parella*”, de Paay Soares de Taveiros?
- 3) Além do francês e do português, que outras línguas românicas surgiram?
- 4) Quais os principais motivos do surgimento das línguas românicas?

LEITURA COMPLEMENTAR

Apresentamos como leitura complementar o texto “O acesso dos romances à escrita: os primeiros documentos em romance”, de Rodolfo Ilari (1992, p. 198-202). Nele o autor discorre sobre as condições de acesso dos romances à escrita e apresenta exemplos de transcrições de textos antigos que revelam o aparecimento do romance na escrita.

O Acesso dos Romances à Escrita: Os Primeiros Documentos em Romance

Condições de acesso dos romances à escrita

Por vários séculos, os romances foram variedades lingüísticas tipicamente faladas, aprendidas como primeira língua e presentes em todas as atividades diárias, mas sem acesso aos documentos escritos, em que se continuava usando o latim literário – ou antes aquilo que dele havia sobrevivido no conhecimento das pessoas cultas e das instituições afeitas à transmissão da cultura.

Por muito tempo, as pessoas tiveram a ilusão de que o latim literário, chamado às vezes de “gramática”, nada mais era do que a versão escolar e correta de sua língua materna, ou seja, o latim literário e os “vulgares” foram vistos por longo tempo como aspectos de uma mesma língua. No fim do primeiro milênio, contudo, o fosso que se havia criado entre ambos era suficientemente grande para que começassem a ser encarados como duas línguas distintas. Que o latim já não era compreendido pelas pessoas incultas, fica claro nas disposições do Concílio de Tours (813), que recomendavam ao clero traduzir suas homilias e sermões para o romance ou para a língua germânica falada na região.

No difícil caminho pelo qual os romances conseguiram impor-se na escrita, deve considerar-se uma fase em que contaminaram o latim escrito da época na forma de interferências. Essas interferências deviam-se sobretudo à precária cultura dos escritores e copistas que, ao redigirem ou grafarem textos latinos, tendiam naturalmente a cometer descuidos em aspectos da morfologia e sintaxe onde os textos mais diferiam de sua língua materna. Essas interferências, cada vez mais numerosas nos últimos séculos do primeiro milênio e nos primeiros do segundo, são um sintoma da importância crescente dos romances, mas na busca dos primeiros documentos românicos os estudiosos têm procurado escritos que revelem a consciência de redigir numa língua autônoma, distinta do latim.

Esta consciência revela-se, num primeiro momento, sobretudo em dois tipos de textos: (i) os que foram escritos com o intuito de reproduzir as palavras textuais de alguém, (ii) os que foram escritos especificamente para glosar um texto latino, isto é, traduzir palavras e passagens obscuras ou comentá-lo para uso das pessoas incultas. Mais tarde, será possível qualificar como documentos representativos do romance vários textos escritos para fins práticos (cartas, privilégios, disposições legais), de edificação religiosa (vidas de santos, em versão poética ou dramática, orações a serem pronunciadas durante os ofícios religiosos), ou estético-literários (letras de canções, poemas líricos e épicos, conforme as tradições e os gostos das várias regiões).

A seqüência deste capítulo é constituída por uma série de transcrições de textos antigos que exemplificam o aparecimento do romance na escrita. Em sua escolha,

procurou-se, simultaneamente, (i) exemplificar a variedade das situações em que o romance faz seu aparecimento na escrita; (ii) mostrar documentos representativos das várias regiões da România. É por isso que entre o mais antigo dos documentos apresentados, os “Juramentos de Estrasburgo”, e o mais recente, uma versão romena do “Pai-Nosso” impressa em Brasov logo depois da Reforma, há um espaço de nada menos que sete séculos.

Os textos são acompanhados de breves informações históricas, e de uma tradução tão literal quanto possível. É claro que essa tradução, embora contribua para esclarecer uma ou outra palavra ou construção, não substitui um autêntico comentário filológico, voltado para o esclarecimento mais completo da ortografia e da língua dos textos: mais do que nunca, vale aqui a recomendação de completar esta leitura com uma consulta atenta e paciente da bibliografia.

Ipsa verba

Consideremos primeiro os documentos que foram redigidos em romance para registrar com exatidão as palavras textuais de alguém: (“*ipsa verba*”). Trata-se de documentos de caráter político ou cartorial, que interessou redigir em romance por uma preocupação de fidelidade à fala dos interessados, quando o uso do latim poderia ter conseqüências indesejáveis.

(a) Os “Juramentos de Estrasburgo”

O texto de “Juramentos de Estrasburgo”, o mais antigo documento românico que sobreviveu até nós, data de 842; consiste nas fórmulas de juramento pronunciadas para sancionar a aliança de dois herdeiros do Império de Carlos Magno, Luís, o Germânico, e Carlos, o Calvo, e a promessa de se apoiarem reciprocamente contra o irmão mais velho e inimigo comum, Lotário. Para ser compreendido pelos vassallos de Carlos, o Calvo, que eram francos romanizados, Luís, o Germânico, pronunciou seu juramento em romance e depois em germânico; em seguida, os vassallos dos dois príncipes juraram em sua própria língua. O historiador que registra o episódio foi testemunha ocular dos fatos e é até provável que tenha participado da redação da fórmula do juramento. Nessas circunstâncias não há dúvida de que o texto que chegou até nós reproduz fielmente as palavras efetivamente pronunciadas, e que estas deviam ser compreensíveis a todos os vassallos de fala românica que participaram do ato.

Eis a transcrição do juramento:

Pro Deo amur & pro christan poblo & nostro comun salvament, ‘d’ist di in avant quand Deus savir & podir me dunat, si salvarei eo cist mon fradre Karlo & in aiudha & in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fradra salvar dift, in o quid il mi altresi fazet et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai ki, meon vol, cist meon fradre Karle in damno sit.

(Por amor a Deus e pelo povo cristão e nossa salvação comum, deste dia em diante, enquanto Deus me der saber e poder, assim salvarei eu este meu irmão Carlos, e na ajuda e em cada coisa, assim como homem por direito seu irmão salvar deve, enquanto ele a mim da mesma forma fizer, e de Lotário nunca aceitarei nenhum acordo que, por minha vontade, seja em prejuízo a este meu irmão Carlos.)

Em relação ao romance falado na época, a língua dos “Juramentos de Estrasburgo” é surpreendentemente arcaica: de fato, no norte da França, em pleno século IX já estavam consumadas certas mudanças (como a palatalização de *k* seguido de *a*, cp. o Francês moderno *Charles, chose, chacun*) que o texto dos Juramentos não registra. Várias hipóteses foram aventadas para explicar esse tom arcaico dos Juramentos: (i) eles teriam sido redigidos inicialmente em latim, e traduzidos em seguida para as

línguas modernas; a grafia latina teria então interferido na grafia do romance, para a qual não havia convenções; (ii) os Juramentos teriam sido redigidos num dos tantos dialetos arcaizantes da região *d'oil* (lembre-se que há no norte da França alguns dialetos mais arcaizantes do que o frâncico, por exemplo, o normando e picardo); (iii) seus redatores teriam procurado expressar-se numa espécie de língua comum, compreensível para falantes de vários dialetos; o arcaísmo seria assim o preço pago por escrever numa espécie de *koiné*.

Essas hipóteses chamam à atenção as condições peculiares em que os Juramentos foram escritos, e têm um interesse exemplar: interferência do latim, presença de traços “dialetais” (em oposição à posterior definição de *standards* nacionais) e busca do caráter de *koiné* são três características presentes em muitos dos primeiros textos românicos.

KOINÉ

Dialeto utilizado como língua franca

(b) Alguns documentos de caráter legal

Imagine-se, em pleno século X, uma demanda pela propriedade de terras entre os clérigos de um convento, versados em latim literário, e seus adversários, falantes da língua vulgar. É óbvio que toda a discussão e todos os depoimentos necessários seriam feitos nesta última, mesmo que a sentença final fosse pronunciada em latim; e a preocupação em evitar equívocos levaria a anotar “*ipsis verbis*”, isto é, em romance todos os testemunhos. Aparentemente, foram escriturados nessas condições quatro termos de testemunho referentes a outras tantas demandas de terras julgadas entre 960 e 963 na região da Campânia, que se conservam até hoje na biblioteca do mosteiro de Montecassino.

Eis uma dessas fórmulas, em que a testemunha diz que uma determinada propriedade pertenceu durante 30 anos sem qualquer contestação a um certo Pergoaldo; a língua é o vulgar italiano numa variedade tipicamente meridional:

(Sessa, marco de 963)

Sao cco kelle terre, per quelle fini que tebe monstrei, Pergoaldi foro, que ki contene, & trenta anni le possette.

(Sei que aquelas terras, naqueles limites que te mostrei, (e) que aqui (a abreviação) contém foram de Pergoaldo, e as possuiu por trinta anos.)

Podemos supor razões análogas para que fosse registrado no romance português este testamento em que uma monja da região portuguesa de Barcelos lega todos os seus bens ao mosteiro de Vairão em 1193 do calendário gregoriano.

In Christi Nomine, Amen. Eu Elvira Sanchiz offeyro o meu corpo àas virtudes de Sam Salvador do mônsteyro de Vayram, e offeyro con o meu corpo todo o herdamento que eu ey em Cantegàus e as tres quartas do padroadigo dessa eygleyga e todo hu herdamento de Crexemil, assi us das sestas como rodo u outro herdamento: que u aia o moensteiro de Vayram por en secula séculorum. Amen.

Fecta karta mense septembri era MCCXXXI. Menendus Sanchis testes. Stephanus Suariz testes. Vermúú Ordoniz testes. Sancho Diaz testes. Gonsalvus Diaz testes.

Ego Gonsalvus Petri presbyter notavit.

BIBLIOGRAFIA

BÁSICA

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas*. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

ELIA, Silvio. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

COMPLEMENTAR

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1981.

RESUMO DA ATIVIDADE

Nesta atividade, você aprendeu que a formação da România é decorrência do percurso histórico do Império Romano e da língua latina; que o termo România surgiu a partir de *romanus*, que formou o advérbio *romanice*, ou “à maneira ou costume romano”, que, por sua vez, originou um novo advérbio, *romance*, que se aplicava a qualquer texto ou composição escrita em uma das línguas vulgares. Você aprendeu também que, modernamente, România se refere a toda área ocupada pelas línguas de origem latina. Aprendeu, ainda, que, levando-se em conta as mudanças ocorridas no tempo e no espaço relativas à abrangência dos territórios considerados românicos, distinguem-se três fases na história da România: a România Antiga, a România Medieval e a România Moderna. Em relação à história interna, você estudou, finalmente, as fases por meio das quais o latim, em sua variedade vulgar, originou as línguas românicas: a fase latina, a fase romance (intermediária) e a fase das línguas românicas modernas.

O LATIM VULGAR

a t i v i d a d e 3

OBJETIVOS

Ao final desta atividade, você deverá ser capaz de

- saber o que é latim vulgar e as fontes para seu estudo;
- reconhecer as características do latim vulgar;
- conhecer as transformações no sistema vocálico e no sistema consonantal ocorridas na passagem do latim clássico ao latim vulgar;
- conhecer os principais fatores responsáveis pela dialeção do latim vulgar.

GRUPO ITÁLICO

Conjunto de línguas derivadas de um mesmo tronco, o indo-europeu. Sua classificação é feita segundo a origem e o parentesco de cada uma. O grupo itálico é composto pelas seguintes línguas: osco, úmbrio, latim, italiano, provençal, francês, espanhol, catalão, português, galego, romeno, sardo ou logudorês, reto-romano, falisco.

LÍNGUAS INDO-EUROPÉIAS

O latim pertence ao grupo das chamadas línguas itálicas, que eram faladas antes de Cristo na península de mesmo nome. Por sua vez, as ditas línguas itálicas pertenciam ao indo-europeu, que deu origem a quase todas as línguas faladas na Europa. Além do latim, são indo-européias :

- as línguas célticas (irlandês, inglês, escocês);
- as línguas germânicas (alemão, inglês, holandês);
- as línguas eslavas (russo, polaco, tcheco, búlgaro e servo-croata);
- as línguas escandinavas;
- o grego;
- o albanês.

As línguas que se falam e falaram na Europa que não pertencem à família indo-européia são o etrusco(desaparecido), o finlandês, o lapão, o estoniano, o húngaro e o vascuense. Fora da Europa, pertence ao tronco indo-europeu o grupo das línguas indus e o persa.

a.C - antes de Cristo;

d.C - depois de Cristo.

Nesta atividade, você vai conhecer o latim vulgar, que deu origem não só à língua portuguesa, mas também a várias outras línguas românicas. Vai conhecer também as características fonético-fonológicas decorrentes do processo de dialeção do latim vulgar.

Conceito e fontes do latim vulgar

O latim, juntamente com o osco, a sabélico, o volusco, o umbro e o falisco, é uma língua que integra o grupo itálico, uma das línguas indo-européias. Essas línguas apresentam entre si algumas semelhanças que, segundo Bourciez (1956), são em número pequeno, mas inegáveis. De acordo com o autor citado, o latim era falado ao centro da Península Itálica, área que vai desde a Foz do Tíbre a Roma.

O latim era uma língua rude, concreta e sem refinamento de qualquer espécie. Muito mais útil à divulgação de leis e preceitos do que à poesia. Lembremo-nos de que era uma língua falada pelos pastores e agricultores. Era uma língua prática e utilitária. Pouco a pouco, por um processo natural, tornou-se mais flexível. Isso, segundo Bourciez (1956), deve-se à interferência do grego e da cultura helênica que se difundia pela Itália.

Finalmente, por volta da metade do século I a.C (época de César e Cícero), essa língua apresentou uma estabilização desse florescimento clássico que durou aproximadamente duzentos anos, foi elevada ao *status* de língua literária e teve como escritores figuras como Virgílio, Horácio, Tito Lívio.

A difusão dessa língua deve-se à conquista que seus falantes realizaram. Sabemos que o sucesso e a propagação de uma língua estão diretamente relacionados ao sucesso dos homens que a falam (cf. BOURCIEZ, 1956).

Como o latim vulgar era uma variedade de língua falada – não existia nenhum documento escrito nessa variedade –, para atestar sua existência recorreremos às seguintes fontes:

a) inscrições populares gravadas em muros, paredes, monumentos, banheiros, túmulos, etc. – as inscrições de Pompéia e de Herculano, cidades soterradas pela erupção do Vesúvio em 79 d.C., são as mais importantes;

b) papiros antigos encontrados nas regiões áridas do Egito e Próximo Oriente – eles continham produções literárias, documentos jurídicos, correspondências, glossários, documentos militares e particulares;

c) gramáticos e mestres da retórica, que, ao atestarem a existência de uma variedade “vulgar” da língua, defendiam o ideal da boa linguagem representado pelo latim da *urbs*;

d) tratados técnicos em que os autores, não sendo literatos, usavam uma linguagem com características populares para falarem sobre agricultura, arquitetura, medicina, veterinária, culinária etc.;

e) relatos de peregrinações à Terra Santa, conhecidos pelo nome de *Itineraria*.

f) textos latinos tardios em que os autores, com fins estilísticos ou cômicos, acentuavam o caráter popular presente, apenas, nas personagens do povo, dos textos latinos do período clássico;

g) textos cristãos – quando a comunidade cristã aumentou, foi necessário adequar os textos religiosos à língua que a maioria conhecia, o latim vulgar, e então sugeriram várias traduções da Bíblia, em linguagem adaptada aos destinatários, cristãos latinos incultos;

h) glossários – elencos de palavras ao lado das quais é posta outra, que a traduz ou explica, da língua do leitor ao qual se destina (exemplos: *pueros: infantes* (“meninos”); *ictus: colpus* (“golpe”));

i) elementos latinos identificados nas línguas dos povos com os quais os romanos entraram em contato;

j) línguas românicas que herdaram e usam muitos vocábulos ainda documentados por outras fontes.

Com os dados recolhidos por essas fontes foi possível reconstruir o latim vulgar.

Características do latim vulgar

Antes de tudo, é preciso dizer que co-existiam o latim vulgar e o latim clássico. O latim vulgar era a língua viva, popular, que sofria constantes modificações, como

acontece com qualquer língua em uso. Já o latim clássico era praticamente uma língua morta. Restrita a determinados grupos. Esta variedade praticamente não sofria altera-

ções, ao contrário, tornava-se cada vez mais uniforme em decorrência da característica estabilizadora da educação. A língua aprendida nos colégios era o latim clássico ao qual o povo não tinha acesso.

De acordo com Williams (1975), não existem muitos documentos que nos permitam um estudo rigoroso do latim vulgar. Poucas vezes as fontes são intencionais. Na maioria das vezes, elas resultam da consulta a documentos em que o latim vulgar aparece acidentalmente. Assim, alguns dados apresentados por autores diversos resultam de hipóteses que se construíram de fragmentos heterogêneos. Entretanto, é possível fazer uma breve caracterização, com base nesses estudos, do latim vulgar e do latim clássico no sentido de se evidenciar suas diferenças. Começamos pelos aspectos fonético-fonológicos.

FONOLOGIA

(do Grego *phonus* = voz/som e *logos* = palavra/estudo)

É o ramo da Linguística que estuda o sistema sonoro de um idioma. Esta é uma área muito relacionada com a Fonética, mas as duas têm focos de estudo diferentes. Enquanto a Fonética estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala (chamados de fonemas), a Fonologia preocupa-se com a maneira como eles se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significados, chamadas fonemas.

QUANTIDADE

A quantidade (ou duração), no latim clássico, era uma característica fonológica, ou seja, capaz de distinguir palavras e morfemas gramaticais: por exemplo, *ōs* (o breve) = osso e *ōs* (o longo) = boca.

LEXEMA

Unidade do léxico de uma língua; item lexical; palavra.

MORFEMA

Elemento lingüístico mínimo que tem significado.

OXÍTONA

Palavra cuja sílaba tônica é a última: *Pará*, *tatu*, *avô*. As palavras cuja sílaba tônica é a penúltima ou a antepenúltima são chamadas de paroxítonas ou proparoxítonas, respectivamente: *dinheiro*, *emprego* e *pêssego*, *fósforo*.

DISSÍLABAS

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas: **monossílabas** (uma sílaba) - *é*, *eu*, *há*, *teu*, *sim*, *quais*; **Dissílabas** (duas sílabas) - *me-sa*, *u-va*, *ma-nhã*, *ru-a*, *qual-quer*; **Trissílabas** (três sílabas) - *a-ba-no*, *or-gu-lhar*, *ar-tis-ta*, *fu-ra-ção*; **Polissílabas** (mais de três sílabas) - *so-bre-tu-do*, *an-ti-ga-men-te*, *in-com-pre-en-sí-vel*.

Do latim clássico ao latim vulgar: o acento

Na **fonologia**, a perda da **quantidade** (ou duração) e sua substituição pelo acento intensivo, por exemplo, trouxe como consequência, entre outras, a redução das dez vogais (as cinco longas e as cinco breves) a sete, seis ou cinco apenas, segundo as diversas regiões da românia, com específicas evoluções posteriores.

No latim clássico o acento tônico era determinado pela quantidade (duração) das sílabas. De acordo com a duração, as vogais (tanto as tônicas quanto as átonas) podiam ser longas ou breves; as longas valiam por duas breves. Pela quantidade os romanos distinguiam as significações lingüísticas, quer dos radicais (**lexemas**), quer dos sufixos ou flexões (**morfemas**). Assim, pela quantidade, *ōs* (*ō* breve – osso) diferia de *ōs* (*ō* longo – boca); *rosā* (a rosa) diferia de *rosā* (com a rosa) .

Não havia **oxítonos**; os **dissílabos** eram paroxítonos (**fructum** > fruto); os polissílabos tinham o acento

na penúltima sílaba, se esta fosse longa (*amīcum* > amigo); e na antepenúltima sílaba, se breve (*arbōre* > árvore).

Já no latim vulgar, perdeu-se a noção de quantidade, adotando-se o acento de intensidade. As vogais passaram de longas e breves para átonas e tônicas, com algumas exceções, conforme veremos abaixo:

Latim clássico

- Palavras de duas sílabas têm acentuada a penúltima sílaba (*hómo*).
- Palavras que apresentam três ou mais sílabas têm acentuada a penúltima sílaba:
 - a) se for longa (*amātur*);
 - b) ou se apresentar ditongo (*incāutum*);
 - c) se for breve seguida de duas ou mais consoantes (*intēdo*).
- Em palavras de três ou mais sílabas, a antepenúltima é acentuada se a penúltima for breve (*homīnem* > homem).

Latim vulgar

- Palavras de três ou mais sílabas
 - a) a penúltima sílaba é acentuada se apresenta vogal breve, em “posição débil”, ou seja, a vogal que, no latim clássico, era seguida de grupo consonantal formado de oclusiva (p, b, t, d, c, g) e líquida (l, r) – (*cāthēdra* (LC) > *catēdra* (LV));
 - b) a penúltima sílaba é acentuada quando formas verbais que apresentam três sílabas são derivadas por **prefixação** – o acento incide no radical da forma verbal e não no prefixo, diferentemente do que acontecia no latim clássico, em que a antepenúltima sílaba era acentuada [*rēnego-re+nego-* (LC) > *renego* (LV)];
 - c) é acentuada a segunda vogal que segue *i* ou *e*, acentuados, no latim clássico, por se tratarem de hiatos – o latim vulgar, na sua tendência de evitar o hiato, deslocou o acento tônico para a última vogal do hiato (*mulīerem* > *mulière*).

As principais palavras átonas, isto é, desprovidas de acento, são as chamadas **proclíticas** e **enclíticas**, que vão formar com a palavra seguinte um todo fonético. São proclíticas as preposições e os advérbios monossilábicos, os advérbios relativos e interrogativos, os pronomes relativos e interrogativos e parte das conjunções. Por exemplo, *per angústa*; *ad angústa*; *non ámat*; *quem amas*. São enclíticas as conjunções *-que* e *-ue* “ou”; a partícula interrogativa *-ne*, as partículas reforçativas *-ce*; *-dem*; *-dum*; *-met*; e a preposição *-cum*. Exemplos: *nosque*, *eadem*, *mecum*.

PREFIXAÇÃO

Processo de derivação pelo qual é acrescido um prefixo a um radical. Exemplo: desfazer, inútil.

PROCLÍTICA / ENCLÍTICA

Diz-se da palavra que depende fonologicamente de outra, comportando-se como se fosse uma de suas sílabas. Se no início, diz-se próclise (Ele se revoltou), se no meio, diz-se mesóclise (dar-te-ei um presente), se no fim, diz-se ênclise (passaram-se dois anos e nenhuma notícia).

Um dos argumentos que corroboram para a afirmação de que o português derivou do latim vulgar e não do latim clássico é o fato de o acento em português incidir na mesma sílaba em que incidia no latim vulgar.

EXERCÍCIO

As questões abaixo servirão para você avaliar se está internalizando corretamente as informações apresentadas até aqui. Elas tratam do conceito de latim vulgar, das diferenças entre este e o latim clássico e das fontes para o estudo do latim vulgar. Resolva-as com atenção e discuta as respostas com o tutor, no próximo encontro presencial.

1. Qual a diferença entre o latim clássico e o latim vulgar?
2. O latim clássico e o latim vulgar são duas línguas diferentes ou duas variedades da mesma língua? Justifique.
3. A que grupo lingüístico pertence o latim?
4. O tópico que conceitua o latim apresenta-o, inicialmente, como uma língua rude que, posteriormente, passou a se caracterizar como uma língua literária. Pode-se dizer que, durante o período em que era considerada uma língua rude, era considerada inferior à língua dos gregos, por exemplo?
5. Cite duas diferenças fonéticas entre o latim clássico e o latim vulgar.
6. Associe as colunas, ligando a fonte de latim vulgar aos exemplos:
 - a) inscrições populares
 - b) papiros antigos
 - c) gramáticos e mestres da retórica
 - d) tratados técnicos
 - e) relatos de peregrinações à Terra Santa
 - f) textos latinos tardios
 - g) textos Cristãos
 - h) glossários
 - i) elementos latinos identificados nas línguas dos povos com os quais os romanos entraram em contato
 - j) línguas românicas

() “*In ob tumolo regiescet in pace boné memorie Leo vixet annus XXXXXXII transiet nono Ids. Obtuberes*” – “Neste túmulo, Leo descansa na paz da boa memória; viveu 52 anos; faleceu no nono dia dos idos de outubro”.

() Quintiliano (*Institutio Oratoriae*, XII,10,40) escreveu: “*Nam mihi aliam quam videtur habere naturam sermo vulgaris, aliam viri eloquentis oratio*. (“Pois a linguagem vulgar parece-me ter uma certa natureza, enquanto outra é a do discurso de um orador”).

() “*Admiror, paries, te non cecidisse ruinis, qui tot scriptorum taedia sustineas*”. (CIL., IV, 1904 – Admiro-me, parede, não teres caído em ruínas, tu que agüentas o tédio de tantos escritores” – pichação em Pompéia).

() A *Regula Monachorum* de S. Bento de Núrsia revela a pouca cultura e o reduzido conhecimento literário de seu autor. Como reflexo do latim daquela época, dá interessantes informações, sobretudo, sobre a sintaxe latina. As preposições vêm sistematicamente com o acusativo, substituindo o ablativo: “*mox omnes de sedilia sua surgant*” (logo todos se levantem de seus assentos).

() Vitruvius Pollio (século I a.C.) escreveu *De Architectura*; usou também os escritos de Hermógenes (200 a.C.) e de outros arquitetos gregos.

() *demonizationes: subprestitutiones*

demolire: dissipare

fumum: stercus animalium

flagrat: ardet

() O emprego de *qualis* como pronome relativo é antigo, por ser comum a todas as línguas românicas, inclusive ao romeno e ao sardo: Rom. *care* (<calem), it. *quale* (<calem), fr. *quel*, prov. *cal*, cat. *cal*, cast. *cual*, port. *qual*.

() Carta de um certo Rustius Barbarus a seu amigo Pompeu, do século II d.C., encontrada em Ostrakon, no Egito.

Do latim clássico ao latim vulgar: as vogais

Vamos, agora, estudar algumas características das vogais do latim clássico e do latim vulgar. Aqui serão apresentadas algumas modificações pelas quais o sistema fonológico do latim clássico passou. Serão abordados aspectos referentes a vogais no que se refere às suas combinações e às diferentes posições em que se realizavam.

A diferença entre vogais no latim clássico era feita por meio do critério quantitativo (longas e breves). Já no latim vulgar essa diferença era qualitativa, excetuando-se o caso da vogal *a*, para a qual não se fazia diferença qualitativa.

De acordo com os estudos sobre o latim clássico, eram dez as vogais que compunham esse sistema fonológico. Abaixo, podem-se caracterizar essas vogais observando-se aspectos como anterioridade ou posterioridade, altura e quantidade.

Quadro 01: As vogais do sistema fonológico latino

Vogal	Qualidade	Exemplo
Ā	Central, baixa, breve	Lātum
Ā	Central, baixa, longa	Amātum
Ē	Anterior, média, breve	Tĕrram
Ē	Anterior, média, longa	Acĕtum
Ī	Anterior, alta, breve	Homīnem
Ī	Anterior, alta, longa	Amīcum
Ō	Posterior, média, breve	Rŏta
Ō	Posterior, média, longa	Amōre
Ū	Posterior, alta, breve	Bŭccam
Ū	Posterior, alta, longa	Virtŭte

Essas vogais sofreram diversas transformações. Em geral, as médias longas (ē, ō) e as altas breves (ī, ū) formam o grupo das médias fechadas. Já as médias breves originaram as médias abertas. As duas centrais baixas deram origem ao *a*.

A partir de agora, vamos focalizar as mudanças que ocorreram no sistema fonológico do latim clássico, apresentando seus correspondentes no latim vulgar, conforme sistematização do quadro 02:

Quadro 02: As vogais do sistema fonológico latino clássico e latim vulgar

	Latim clássico	Latim vulgar
ă	Central, baixa, breve <i>Maré</i>	As centrais breves e longas deram origem ao /a/. Ex.: <i>mare</i> ; <i>passu</i>
ā	Central, baixa, longa <i>Pāssu</i>	
ĕ	Anterior, média, breve <i>Tĕrram</i>	A média breve originou a média anterior aberta /ɛ/. Ex.: <i>Terram</i>
ē	Anterior, média, longa <i>Acĕtum</i>	A média anterior longa e a alta anterior breve originaram /e/ (anterior média fechada). Ex.: <i>acetum</i> (azedo); <i>setim</i> (sede)
ī	Anterior, alta, breve <i>Sĭtim</i>	
ī	Anterior, alta, longa <i>Fĭcum</i>	A anterior alta longa originou /i/. Ex.: <i>ficum</i> (figo)
ŏ	Posterior, média, breve <i>Rŏta</i>	A média posterior breve manteve-se como média posterior aberta /ɔ/. Ex.: <i>rota</i> (roda)
ō	Posterior, média, longa <i>Tŏta</i>	A média posterior longa e a alta anterior breve originaram /o/ (posterior média fechada). Ex.: <i>tota</i> (toda); <i>boccam</i> (boca)
ŭ	Posterior, alta, breve <i>Bŭccam</i>	
ū	Posterior, alta, longa <i>Lŭna</i>	A posterior alta longa originou /u/. Ex.: <i>luna</i> (lua)

O quadro acima revela uma redução de dez para sete vogais. As combinações que essas vogais apresentavam guardavam relação com a sua quantidade e sua ocorrência tinha a ver com a posição em que se realizavam. Essas combinações que reduziram o sistema fonêmico do latim tiveram impacto indiscutível sobre o timbre das vogais do latim vulgar.

Para Câmara Jr. (1976) e Williams (1938), essas modificações foram mais produtivas em posições mais débeis, como a átona final e a pretônica.

A partir de agora, vamos focalizar essas mudanças que ocorreram no sistema fonológico do latim clássico, levando em consideração a posição em que se encontravam essas vogais.

No latim vulgar, em posição pretônica, o quadro já reduzido do latim clássico (dez para sete vogais em posição tônica) reduziu-se a cinco vogais, conforme se pode visualizar, abaixo:

Quadro 03: As vogais do latim vulgar (posição pretônica), no início da palavra, permaneceram ou sofreram aférese. No meio da palavra, sofreram síncope.

ă	/a/
ā	ăpertum > aberto; ācume > gume
ĕ	/e/ Sĕcūrum > seguro; Dĕlicātum > delicado
ē	
ī	
ī	/i/ Přīmāriūm > primeiro
ō	/o/ Dōrmire > dormir; Plōrāre > chorar; Sūperbiām > soberba
ō	
ū	
ū	/u/ Dūrāre > durar

Em posição átona final, esse quadro se reduziu ainda mais, ou seja, passou a ser composto de três vogais: a (escrito *a*), i (escrito *e*) e u (escrito *o*)

FONÊMICO

Relativo a fonema (Unidade mínima distintiva no sistema sonoro de uma língua).

AFÉRESE

Supressão de um fonema no início do vocábulo. Acume > gume

SÍNCOPE

Supressão de um fonema no meio do vocábulo. Legale > leal

Quadro 04: As vogais do latim vulgar (posição átona final)

ǎ/ ā	Regra geral: mantém-se o a portam > porta
ĕ	A vogal e sofre
ē	(apócope, supressão no fim, se precedida de consoante l, n, r, s, z)
ĭ	Mense > mês; male > mal;
ī	(se precedido de consoante geminada, permanece) ille > ele; (i passa para e[i]) dormit > dorme O i passa para e[i] Vivi > vive, vesti > veste
ō	/u/
ō	(o mantém-se onde se pronunciava u) vinum > vinho; sumus > somos
ū	Tribum > tribu > tribo[u]
ū	O u passa para o[u] Campu > campo, libru > livro

EXERCÍCIO

As questões abaixo o/a ajudarão a compreender as características do latim vulgar. Por meio dele você vai fazer uma releitura do conteúdo apresentado até aqui mostrando que aprendeu o comportamento do sistema vocálico na passagem do latim clássico ao latim vulgar. Responda-as e, em caso de dúvidas, discuta-as com o tutor no próximo encontro presencial.

1. Quantas vogais o latim clássico apresentava? Quais eram?
2. O que marcava a distinção fonológica das vogais no latim clássico? Dê exemplos.
3. Quantas vogais possuía o latim vulgar em posição pretônica? Dê exemplos.

Latim vulgar: as consoantes

As consoantes do latim vulgar, diferentemente das suas vogais, não apresentam grandes complexidades. As inovações se caracterizam como variantes posicionais. Assim, pode-se dizer que são menos complexas do que o quadro das vogais.

No latim vulgar predominavam as oclusivas¹ (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/), grosso modo, articulações que implicam uma obstrução num dado ponto do trato vocal. Além dessas consoantes, o latim vulgar apresentava duas nasais (/m/, /n/), duas constrictivas (/f/, /s/) e duas líquidas (/r/, /l/).

1 Para detalhes sobre as características articulatorias desses sons, consultar Silva (1995).

Além disso, ocorria o emprego consonântico de *i* e de *u* (*jugo e vaca*). Esses dois fonemas se comportavam como consoantes, pois formavam sílabas com outras vogais ocupando a mesma posição que consoantes ocupavam.

As oclusivas do latim vulgar se dividiam em bilabiais, dentais e posteriores. As oclusivas bilabiais e dentais compunham o par surda /p/, /t/ e sonora /b/, /d/, respectivamente. As oclusivas posteriores (/k/, /g/) formavam o par surda e sonora também. As oclusivas posteriores variavam de acordo com o contexto em que se encontravam. Assim, variavam no que se refere à posterioridade. Eram mais posteriores quando se encontravam diante das velares /o/ e /u/ do que diante de /a/ e /i/.

As constrictivas do sistema latino vulgar eram surdas: /f /, /s/.

Além desses fonemas, havia ainda uma vibrante anterior, um /l/ que variava de acordo com o ambiente fonético-fonológico em que se encontrava, assim como acontecia com as velares, podendo realizar-se como dental ou velar a depender do ambiente fonológico.

As consoantes do latim vulgar se distribuíam como no quadro abaixo:

Quadro 05

Sistema fonológico latino						
Oclusivas	/p/	/b/	/t/	/d/		/k/ /g/
Constrictivas	/f/		/s/			
Nasais	/m/		/n/			
Líquidas			/l/	/lh/		

Adaptado de Camara Jr. (1985, p. 50)

Além do sistema apresentado, cabe focalizarmos a presença de geminadas no latim vulgar. Essas consoantes devem ter se estabelecido na pré-história do sistema latino por meio da aglutinação de dois morfemas (*pel + lo = pello*) ou decorreu de motivação expressiva com finalidade distintiva, como em *anus* (anel) e *annus* (ano) (cf. CAMARA Jr., 1976).

BILABIAIS

Diz-se das consoantes articuladas tocando lábios contra lábios: p, b.

DENTAIS

Diz-se das consoantes articuladas tocando a língua contra a arcada dentária superior: t, d.

POSTERIORES

Recebem o nome de vogais posteriores o ó, ô, e u por, ao serem pronunciadas, o falante aproxima a parte posterior da língua do palato mole ou véu palatino.

SURDA

Tem haver com a vibração das cordas vocais. Sem vibração é surda: p, t, f, s,

SONORA

Tem haver com a vibração das cordas vocais, com vibração sonora: b, t, v, z.

Quadro fonológico: do latim vulgar ao português

Quando da passagem do sistema fonológico do latim vulgar para o português, alguns fonemas foram acrescentados a esse sistema. As ampliações identificadas se devem a um conjunto de mudanças que decorreram de variações posicionais.

Assim, em relação às oclusivas, ocorreu simetria nesse sistema. Isso se deu a partir do surgimento da série de constrictivas anteriores e posteriores antes não existentes no sistema do latim vulgar, conforme se pode visualizar no quadro abaixo:

Quadro 06

Sistema fonológico latino/português						
Oclusivas	/p/	/b/	/t/	/d/		/k/ /g/
Constrictivas	/f/	(/v/)	/s/	(/z/)	(/ʃ/)	(/ʒ/)
Nasais	/m/		/n/		(/ŋ/)	
Líquidas			/l/		(/λ/)	
			/r/			
			(/ʀ/)			

Adaptado de Camara Jr. (1985, p. 50)

Como se pode notar, foram acrescentadas a esse quadro, na série das oclusivas, a sonora **labiodental** /v/, a **sibilante** sonora /z/ e as **médio-palatais** /ʃ/ /ʒ/, formando-se a correspondência entre oclusivas e constrictivas nas séries anteriores e posteriores.

Além da simetria referente às oclusivas, deu-se a simetria entre nasais e líquidas com o surgimento das médio-palatais.

De acordo com Camara Jr. (1976), a lenização (enfraquecimento, relaxamento) e a palatalização foram os principais responsáveis por essas alterações no sistema fonológico do latim vulgar. Note-se que quatro das inovações correspondem a um deslocamento de articulação para a região médio-palatal. Outra parte decorre de processos de enfraquecimento, como o surgimento das constrictivas. Essas mudanças ocorreram em contextos específicos, particulares. Por exemplo: /λ/ surgiu da combinação de /l/ seguido de uma semivogal, antes vogal, como em (*folja*).

Raros foram os casos em que as modificações ocorreram como resultado de um fortalecimento das articulações. As exceções referem-se à mudança das semivogais /i/ e /u/ para consoantes (respectivamente para /j/ e /v/). Daí, dizer-se que a língua latina apresenta tendência para a lenização e a palatalização, o que pode, por outro lado, explicar o grande número de ocorrências desses fenômenos no português, língua que deriva do latim.

LABIODENTAL

Diz-se das consoantes articuladas tocando lábio inferior e arcada dentária superior: f, v.

SIBILANTE

Mesmo que fricativa, quando há um ruído de fricção: s.

MÉDIO-PALATAIS

Consoantes produzidas aproximando o dorso da língua contra o céu da boca: x(che), g,(je), lh, nh.

EXERCÍCIO

Responda às questões abaixo de acordo com quadro 06 e, em caso de dúvidas, discuta-as com o tutor no próximo encontro presencial.

Quadro 06

Sistema fonológico latino/português					
Oclusivas	/p/	/b/	/t/	/d/	/k/ /g/
Constritivas	/f/	(/v/)	/s/	(/z/)	(/ʃ/) (/ʒ/)
Nasais	/m/	/n/		(/ɲ/)	
Líquidas		/l/	/r/	(/ʀ/)	(/λ/)

Adaptado de Camara Jr. (1985, p. 50)

1. Quais as consoantes que compunham o sistema fonológico do latim vulgar?
2. Conforme o quadro 06, quais foram os fonemas consonantais que surgiram quando da evolução do sistema latino para o português?
3. Quais são os fonemas que integram a série das líquidas antes não existentes no sistema latino?
4. Circule os segmentos da série das constritivas que não integravam o sistema latino.
5. Quantas nasais existiam no latim vulgar? E no português arcaico?
6. O que condicionava a realização mais posterior das consoantes velares no latim vulgar? Explique.

Dialetação

Como já vimos, diferentemente do que alguns possam pensar, o latim que deu origem às diferentes línguas românicas que temos atualmente não foi o latim clássico. Assim, os romances e, posteriormente, as línguas românicas não vieram da língua de Virgílio, Horácio, Cícero, ensinada em ginásios e colégios. Antes, derivaram do latim vulgar, a língua viva que era praticada pelo povo romano e pelos povos vizinhos.

O latim vulgar, em outras palavras, o latim coloquial, deu origem às línguas românicas, que, de certo ponto de vista, podem ser consideradas uma espécie de continuidade desse latim. Dessa forma, não se poderia considerar o latim uma língua morta, mas uma língua que se fragmentou em vários dialetos. Essa tese não é pacífica, pois enquanto alguns acham que o latim se dividiu em vários dialetos, outros afirmam que é uma língua morta.

O latim falado pelo povo romano não era uniforme, mas apresentava formas bastante diversificadas. Isso é comumente verificado em uma língua viva. Por exemplo, a

fala do Pará não é igual à fala do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de muitos outros Estados do Brasil. Se diminuirmos as distâncias entre os estados citados, ainda assim veremos que há diferença mesmo entre estados da região Norte e da região Nordeste. Diminuindo ainda mais as distâncias geográficas e culturais, perceberemos que existem diferenças na maneira de falar de pessoas que moram num mesmo estado ou numa mesma cidade. E, dentro de um mesmo município, há diferenças em relação aos usos lingüísticos, maneira de falar da zona rural e da zona urbana, embora se saiba que em todos esses espaços se fala a língua portuguesa ou dialetos, variações dessa língua.

Essas variações também se aplicaram ao latim que se apresenta sob forma de vários dialetos. Mas você pode se perguntar: em todas as épocas houve dialetos latinos ou existiu uma época, um momento específico, em que essas variações na língua latina passaram a ser mais produtivas e evidentes?

De acordo com Melo (1957), até o terceiro século o latim apresentava certa unidade. Depois desse período, sofreu modificações significativas que impediam que seus falantes se comunicassem sem a ausência de obstáculos na comunicação. Mas o que teria contribuído, você poderia perguntar, para que essas línguas, todas derivadas do latim, apresentem hoje formas tão diferentes, ao ponto de um falante do francês não compreender, por exemplo, o que diz um falante do português e vice-versa?

Pode-se dizer que vários fatores contribuíram para isso. Não se pode, mesmo hoje, uma época em já se acumularam diversas informações sobre a história do **romance**, determinar com clareza a hierarquia de atuação desses fatores, mas é possível, com certeza, apontar aqueles que contribuíram de forma significativa para essa diferenciação.

ROMANCE

Cada uma das variedades surgidas da evolução do latim vulgar falado pelas populações que ocupavam as diversas regiões da România, e que se constituiu na fase preliminar de uma língua românica.

Três aspectos são uniformemente apontados pelos estudiosos do romance e das línguas românicas como desencadeadores dialetais do latim vulgar: diferenciação cronológica, diversidade do substrato e quebra da unidade política.

Diferenciação cronológica

A diferenciação cronológica tem a ver com o aspecto histórico. Como se sabe, os povos dominados pelo poder romano tiveram de se sujeitar ao latim vulgar. O dominado, assim, teve de usar a língua do dominador. O latim recebido pelos primeiros colonizados obviamente não era o mesmo que foi recebido pelos povos colonizados numa época mais ulterior, dada a dinamicidade que as línguas naturalmente apresentam. Para Sapir (1921), elas apresentam uma espécie de deriva que as leva aonde elas devem ir.

Obviamente, os povos primeiramente colonizados receberam um latim mais arcaico enquanto os povos colonizados anos ou décadas depois receberam um latim modificado, arcaico em relação ao que receberam os povos colonizados em período posterior. Assim, não se recebe nem se tem a mesma língua nos espaços conquistados.

Povos colonizados no século XVI recebem um latim bem diferente do que é recebido pelos povos colonizados no século XX, podendo-se afirmar que o componente histórico atuou significativamente na dialeção do latim. Entretanto, esse aspecto, sozinho, não é suficiente para explicar o complexo processo de formação das línguas românicas. Vamos, então, ao estudo de outros fatores.

Diversidade do **substrato**

Como foi dito anteriormente, os povos colonizados pelo império romano tiveram de submeter-se ao uso do latim vulgar, a língua do dominador. Mas isso não aconteceu sem que os povos dominados imprimissem a essa língua as marcas de sua língua.

Vários e diferentes povos foram colonizados pelo império romano. Uma forma de Roma manifestar seu poderio era estabelecer a obrigatoriedade do uso de sua língua pelos diferentes povos conquistados. Como não podiam resistir-lhe, submeteram-se ao uso, mas trouxeram marcas de sua antiga língua para sua *nova língua*². Sendo assim, os colonizados trouxeram seus hábitos lingüísticos para sua nova língua, o que contribuiu para a formação de romances que apresentavam características diferentes, visto que as interferências eram diferentes, pois os traços lingüísticos das línguas apresentam similaridades, mas, também, diferenças. Por exemplo, o francês apresenta alguns fonemas que o inglês não tem.

Um falante francês, ao aprender/falar uma língua como o português, deverá imprimir a sua fala características próprias de sua língua, a francesa. Já um falante da língua inglesa deverá trazer hábitos lingüísticos peculiares a essa língua para a língua portuguesa.

SUBSTRATO

Mattoso Câmara Junior, em seu Dicionário de Lingüística e Gramática, apresenta as seguintes definições:

- a) **substrato** - nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política;
- b) **superstrato** - nome que se dá à língua de um povo conquistador, que a abandona para adotar a língua do povo vencido;
- c) **adstrato** - toda língua que vigora ao lado de outra (bilingüismo), num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos.

2 Isso, atualmente, é evidente em Angola. Nesse país a língua oficial é a Portuguesa, também chamada de angolano porque por apresentar muitas semelhanças com diferentes dialetos angolanos dada as interferências que sofreu.

É isso que faz com que tenhamos realizações com acentos (sotaques) diferentes³. Isso significa dizer que o latim vulgar era diferente em cada espaço dominado, sua identidade dependia de cada povo colonizado.

Mas você poderia ainda questionar: se o latim sofria modificações que decorriam da presença do acento da língua mãe dos colonizados, então os indivíduos que nasciam tendo como língua mãe o latim não deveriam falar o latim de Roma? Não deveriam, assim, contribuir para a unidade dessa língua?

Há um aspecto que deve ser explicitado para melhor entendimento dessa questão. Ele guarda relação com o tempo. Esses indivíduos, quando nasceram, já tiveram contato com uma língua modificada, alterada pela interferência da língua materna dos colonizados. Assim, a língua que aprenderiam não era o latim puro, mas aquele repleto de alterações impressas pelos seus transgressores.

Quebra da unidade política

Aspectos políticos também interferiram no processo de variação do latim. Como se sabe, a escola é uma das instituições sociais que contribui para gerar a unidade. Isso não era diferente em Roma. Durante o tempo em que houve certa homogeneidade política, forças agiam no sentido de se manter a unidade lingüística. Afinal, isso caracterizava integração à civilização romana e ligação política com a metrópole. Com a queda do império, os colonizados se sentiram livres e autorizados a dar curso específico a sua língua, pois o dominador, paulatinamente, já não exercia o poder de dizer ao seu dominado que este deveria usar sua língua. Consequentemente, desenvolveram-se tendências próprias. Adicionemos a isso a atuação do superstrato que tornou ainda mais complexo e heterogêneo o latim. Mas como isso aconteceu?

Os povos bárbaros que invadiriam as regiões onde já se falava o latim modificado adotaram as línguas dos dialetos falados nessas regiões. Esses povos imprimiram, assim como o substrato, seus traços lingüísticos ao latim vulgar já modificado pelo substrato. Posteriormente, esses dialetos, modificados pelo substrato e pelo superstrato, tomaram formas bem distintas. Isso explica, grosso modo, os diversos romances e as diversificadas e diferentes línguas românicas que temos atualmente.

³ Se adotarmos um ponto de vista sociolingüístico, poderemos ensaiar dizer que essas realizações poderiam se constituir uma forma de esses falantes marcarem sua identidade mesmo inconscientemente. Já do ponto de vista estritamente articulatório, podemos afirmar que um falante, ao aprender uma nova, necessariamente trata seu acento quando de sua fala, pois seu aparelho fonador, seu trato vocal não está preparado para realizar sons que não existiam em sua língua.

Para informações mais detalhadas, consulte as obras cujas referências constam da bibliografia.

EXERCÍCIO

Responda às questões abaixo. Em alguns momentos, será necessário que você faça uso dos conhecimentos prévios sobre o que seja uma língua. Comente as suas respostas com o tutor no próximo encontro presencial.

1. O que você entende por língua morta?
2. Você acredita que o latim é uma língua morta ou uma língua que permanece viva por meio das línguas românicas? Justifique.
3. Selecione uma das três principais causas apontadas no texto para a existência de diferentes línguas românicas e comente-a.
4. De acordo com o texto, como o substrato e o superstrato interferiram na formação de línguas românicas tão diferentes?
5. A língua francesa, diferentemente da língua portuguesa, não apresenta o fonema /3/. Dê exemplo de um fonema que existe em outra língua latina e não existe no português.
6. O texto afirma que a educação é responsável, de certa forma, pela unidade lingüística. Você concorda com isso? Justifique.

LEITURA COMPLEMENTAR

Para finalizar a atividade 3, apresentamos abaixo um fragmento da terceira parte do livro *Lingüística Românica*, do professor Rodolfo Ilari (1992, p. 57-61). Com a sua leitura você vai conhecer o que chamamos de sociolingüística do latim vulgar. O professor Ilari apresenta alguns esclarecimentos que o/a ajudará a saber o que são exatamente o latim vulgar e o latim literário.

O latim vulgar e o latim literário no primeiro milênio **Sociolingüística do latim vulgar**

Todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (correspondente a diferenças geográficas); além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação de fala.

SOCIOLETO

Na lingüística, um socioleto é a língua falada por um grupo social, uma classe social. Diferencia-se do idioleto, que é a forma de uma língua peculiar a um indivíduo. O socioleto também é diferente do dialeto, que é uma forma de falar peculiar a uma certa área.

SUSCITA

Faz aparecer.

O latim, língua de uma sociedade que ia evoluindo e se tornando cada vez mais complexa, não poderia escapar a essa regra: seria normal que apresentasse diferentes **socioletos**, já que a sociedade romana foi por muito tempo estratificada em patrícios, plebeus e escravos; e que apresentasse desde a época em que foi a língua do Lácio e da Itália central diferentes variedades geográficas, já que teve que se impor a outras línguas, com estrutura às vezes muito próxima. Por outro lado, tornando-se a sociedade romana cada vez mais complexa e articulada, é fácil imaginar que se diversificariam também as situações de uso da língua; por exemplo, um homem público do final do período republicano não utilizaria a mesma linguagem para discursar no *forum*, para escrever cartas aos amigos e familiares e para dirigir-se a seus serviçais.

Um aspecto da diversificação da sociedade romana é o aparecimento da literatura latina; durante muito tempo, os autores latinos procuraram pautar seus escritos pelo ideal da *urbanitas*, evitando formas ou expressões que conotassem arcaísmo ou provincialismo ou que lembrassem a educação precária das classes subalternas e do campo (*rusticitas*). Desta variedade do latim, conhecida como *clássico* e bem representada nas obras dos autores como Cícero e Virgílio, chegaram até nós um bom número de documentos, graças ao trabalho dos copistas da Idade Média; por ela se interessaram estudiosos de todos os tempos e em particular os humanistas da Renascença; por isso ela é ainda hoje a variedade do latim que as pessoas cultas melhor conhecem; não se deve porém esquecer que o latim clássico é apenas uma das variedades do latim, ligada à criação de uma literatura aristocrática e artificial, e que teve seu apogeu no final da República e no início do Império. Outra era a língua efetivamente falada no mesmo período.

Desde Diez, ficou claro que as línguas românicas não derivam do latim clássico, mas das variedades populares. Assim, se o interesse pela literatura latina e pelos ideais do Humanismo latino leva naturalmente ao estudo do latim clássico, a observação das línguas românicas nos obriga a indagar acerca das outras variedades de latim, ao mesmo tempo em que a semelhança entre as línguas românicas deixa entrever que na antiga România, nos primeiros séculos, deve ter sido falada uma língua latina relativamente uniforme. A essa variedade, que aparece assim como um “proto-romance”, isto é, como um ponto de partida da formação das línguas românicas, Diez chamou de *latim vulgar*, termo com que visava a opô-la ao latim literário.

O que é exatamente o latim vulgar?

A palavra “vulgar” admite três interpretações distintas e **suscita** acerca do proto-romance três enfoques em que compensa deter-se um pouco: (i) pode-se tomar “vulgar” no sentido de “corriqueiro”, “banal”, sem conotações pejorativas; o latim vulgar aparece então como uma língua que as várias camadas da população romana (inclusive a aristocracia) falaram e escreveram em situações informais; (ii) pode-se tomar “vulgar” no sentido pejorativo de “reles”, “baixo”, que costuma se associar a *vulgo* e *vulgaridade*: o latim vulgar é então a expressão própria das camadas populares mais humildes da sociedade romana; (iii) finalmente, pode-se interpretar “vulgar” em conexão com “vulgarismo”, nome que ainda hoje os puristas dão às formas e expressões que julgam condenáveis por suas conotações populares, provincianas ou arcaizantes.

O primeiro desses três enfoques, aplicado ao proto-romance, é certamente equivocados. Existiu, é verdade, um latim coloquial falado pela aristocracia: e os gramáticos e escritores romanos recomendaram freqüentemente que a linguagem da literatura se baseasse nele; mas essa era uma recomendação de caráter conservador, e visava a evitar que a língua literária se afastasse de seu suporte tradicional – a língua falada pela aristocracia – não a aproximá-la do proto-romance. Para indicar a expressão coloquial da aristocracia, tal como aparece por exemplo na correspondência de Cícero, os escritores latinos usam às vezes o nome de *sermo vulgaris*, o que só agrava a confusão.

Quanto ao segundo sentido de “vulgar”, há bons motivos para crer que o proto-romance foi de fato uma língua eminentemente popular. Segundo o mais importante romanista brasileiro, o saudoso Prof. Teodoro Henrique Maurer Jr., que dedicou à questão um trabalho de peso (Maurer, 1962), o caráter popular do proto-romance se confirma por vários argumentos históricos dos quais alguns são citados a seguir (*a* e *b*); e por algumas características estruturais que teriam em todas as línguas um cunho eminentemente popular (*c* a *f*):

a) Os autores latinos aludiram freqüentemente à existência de uma variedade de língua denominada *rusticitas*, *peregrinitas*, sobre a qual fizeram pesar uma severa sanção, impedindo que as suas formas tivessem acesso à escrita; levando em conta o caráter geralmente conservador e aristocrático da literatura latina, Maurer conclui que essas variedades de língua são populares. Ora, a gramática e o vocabulário do proto-romance, tais como resultam da comparação das línguas românicas, apresentam precisamente esses elementos que os escritores latinos discriminavam por sua natureza popular ou rústica: por exemplo, a comparação das línguas românicas leva a supor que no proto-romance os ditongos grafados em latim clássico *W*, *Z*, *au* se pronunciavam respectivamente [ε], [e] e [o] e que o *b* inicial da grafia clássica não era pronunciado. Há depoimentos de escritores latinos que apontam como vulgarismos a pronúncia [kekilius], [pretor], [edus] por [k*W*kilius], [pr*W*tor], [h*W*dus]; e a história romana registra a iniciativa demagógica do político Claudius, que viveu no fim da República e que, ao renunciar a sua condição de patrício para candidatar-se ao cargo de tribuno da plebe, se fez chamar Clódio para que seu nome fosse “mais popular”.

b) Na latinização da România, o elemento plebeu preponderante; seria necessário, mesmo *a priori*, admitir que a língua levada à România foi marcadamente popular.

c) A estrutura do proto-romance é mais simples que a do latim culto: é menor o número de declinações, faltam alguns tipos de numerais, é mais reduzido o leque de demonstrativos e indefinidos, empregam-se relativamente poucas negações etc.

d) O proto-romance recorre à expressão analítica das funções e relações sintáticas: o papel dos termos na oração é expresso por preposições ao invés das terminações casuais; empregam-se perífrases com verbos auxiliares para indicar tempo e modo; cria-se uma passiva analítica; generaliza-se o uso de comparativos e superlativos analíticos etc.

e) Recorre-se com mais freqüência a formas concretas e expressivas: maior número de nomes concretos, de artigos, e de pronomes, abundante prefixação e sufixação; **hipocorísticos** que substituem as formas correntes; gemação expressiva etc.

f) O proto-romance tem pouca resistência a termos exóticos: assim, termos gregos como *parabolé* (que deu origem ao port. *palavra*), termos celtas como *bracae* e *bertium* (cp. Port. *bragas* e *berço*) e germânicos como *werra* (cp. guerra) parecem ter sido incorporados desde cedo ao proto-romance, já que aparecem representados nas principais línguas românicas.

HIPOCORÍSTICO

Diz-se de, ou vocábulo familiar carinhoso: Bibi, Didi, Lulu, Vavá, Zezé, Zezinho.

Os argumentos de Maurer mostram, em suma, que o proto-romance foi uma língua vulgar no sentido de língua popular, expressão de camadas sociais que não tiveram acesso à cultura formal e escrita. Não fica excluído que essa variedade pudesse ser falada também pela aristocracia em situações extremamente informais; mas certamente não é essa a característica que a define.

Quanto à relação *latim vulgar/vulgarismos*, ela não chega propriamente a nos apresentar uma língua: afinal, uma língua é muito mais do que um catálogo de “erros”; mas ela é oportuna por nos lembrar que a variedade culta e o latim vulgar (proto-romance) conviveram num mesmo espaço sociolingüístico, e que suas semelhanças estruturais eram suficientemente grandes para dar margem a interferências que eram vistas como “erros”: só assim os “vulgarismos” poderiam ser encarados como ameaça à pureza da língua literária.

Para esclarecer essa “convivência”, compensa desfazer mais alguns equívocos:

a) Alguns autores deram a entender no passado que o latim vulgar teria surgido da “corrupção” do latim literário, associando talvez a decadência da literatura latina e a transformação do latim nas línguas românicas: a hipótese é insustentável, porque o latim vulgar se constituiu ao mesmo tempo que o latim clássico, e já se encontrava formado, em seus traços essenciais, quando este atingiu seu apogeu. São provas da antiguidade do latim vulgar:

- a difusão de um grande número de fenômenos vulgares em toda a România, que não seria possível se eles constituíssem características tardias do proto-romance;
- a presença de fenômenos vulgares em fontes escritas do final da República;
- a presença abundante de fenômenos vulgares em autores da fase antiga, por exemplo, Plauto;
- o grande número de arcaísmos na língua vulgar; como era improvável que estes arcaísmos deixassem de existir no latim culto e voltassem em seguida a aparecer na sua “corrupção”, deve-se admitir que o latim vulgar já estava constituído quando o latim literário atingiu seu apogeu, sobrevivendo ao lado dele durante alguns séculos.

b) As relações entre o latim clássico e o vulgar foram às vezes falseadas pela crença de que corresponderam respectivamente ao latim escrito e falado, e que o latim literário surgiu por imitação do grego. Essa crença tem um fundo de verdade; de fato o latim vulgar faz raras aparições em textos escritos; mas se revela falsa quando se lembra que o latim literário foi uma língua falada e teve um suporte direto na expressão coloquial da aristocracia romana. Quanto à influência grega na língua literária, ela foi certamente *menor* do que a influência exercida pelo grego sobre o latim vulgar.

Em suma, a grande diferença entre as duas variedades do latim não é cronológica (o latim vulgar não sucede o latim clássico), nem ligada à escrita, senão social. As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos **alienígenas**, a partir do primitivo núcleo da plebe.

ALIENÍGENA

Que ou quem é de outro país; estrangeiro.

Referências bibliográficas

- DIEZ, Friedrich. *Grammaire des langues romanes*. Paris: Franck, 1874. (1836)
MAURER JR., Teodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

BIBLIOGRAFIA

BÁSICA

BOURCIEZ, E. *Eléments de Linguistique Romane*. Paris: Klincksieck, 1956.

CAMARA Jr., Joaquim. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1981.

TARALO, Fernando. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1994.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português: fonologia, e morfologia da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

SILVA, Taís Cristofaro. *Fonética e Fonologia do Português*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SAPIR, Edward. *A Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

COMPLEMENTAR

Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas*, vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

RESUMO DA ATIVIDADE

A atividade 3 teve por objetivo apresentar a você o latim vulgar, língua que deu origem não só à língua portuguesa, mas a todas as línguas chamadas neolatinas. Com ela, espera-se que você saiba identificar as fontes para seu estudo, reconhecer as características (o acento), as transformações fonético-fonológicas (vocalismo e consonantismo) e os principais fatores responsáveis por sua dialeção (diferenciação cronológica, diversidade de substrato e quebra da unidade política).

ROMÂNICAS

AS LÍNGUAS

u n i d a d e 3

CARACTERIZAÇÃO E INTER- RELACIONAMENTO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

a t i v i d a d e 4

OBJETIVOS

Ao final desta atividade, você deverá ser capaz de

- reconhecer as principais línguas românicas – italiano, castelhano, francês e português;
- conhecer os principais fenômenos lingüísticos responsáveis pela formação das línguas românicas.

Esta é a última unidade da disciplina Filologia Românica. Nas unidades anteriores, você aproveitou para conhecer os fundamentos e a importância dos estudos filológicos para o profissional de letras. Você aprendeu que o conhecimento das características constitutivas do latim vulgar é imprescindível para o entendimento dos fenômenos lingüísticos que originaram não só nossa língua pátria mas também todas as línguas românicas.

Para finalizar seu aprendizado sobre a Filologia Românica, você conhecerá agora as características das principais línguas românicas modernas: o italiano, o castelhano, o francês e o português.

DANTE ALIGHIERI

Escritor, poeta e político italiano. É considerado o primeiro e maior poeta da língua italiana, definido il sommo poeta ("o sumo poeta"). Foi muito mais do que apenas um literato: numa época onde apenas os escritos em latim eram valorizados, redigiu um poema, de viés épico e teológico, *La Divina Commedia* (A Divina Comédia), que se tornou a base da língua italiana moderna e representa o modo medieval de entender o mundo. Nasceu em Floreça, onde viveu a primeira parte da sua vida até ser injustamente exilado. O exílio foi ainda maior do que uma simples separação física de sua terra natal: foi abandonado por seus parentes. Apesar dessa condição, seu amor incondicional e capacidade visionária o transformaram no mais importante pensador de sua época.

A Língua Italiana

A **língua italiana** ou o **italiano** é uma língua românica falada por cerca de 70 milhões de pessoas, a maioria das quais vive na Itália. O italiano padrão baseia-se nos dialetos da Toscana e é de certo modo intermédio entre as línguas da Itália do sul e as línguas galo-românicas do norte. O padrão toscano, muito antigo, tem vindo a ser ligeiramente influenciado nas últimas décadas pela variante de italiano falado em Milão, a capital econômica da Itália. Do ponto de vista lingüístico, o italiano, diferentemente da maior parte das línguas românicas, mantém consoantes duplas (ou longas), tal como o latim.

O que chamamos de Itália, na verdade, não passava de um conjunto de reinos representados respectivamente por cidades mais ou menos importantes, em contínua tensão. Uma dessas cidades exercia um fascínio peculiar: era *Firenze* (Florença). Foi de *Firenze* um dos maiores poetas italianos, **Dante Alighieri**. Além de sua importância literária, Dante lutou pelo uso da língua comumente usada pelas pessoas,

não apenas em uso cotidiano, mas também em situações formais. Os habitantes da Itália aceitaram o dialeto de Florença, em torno do qual construiu-se a língua nacional, sem que fossem esquecidos seus falares habituais. Hoje os italianos são praticamente bilíngües, tamanha é a diferença entre os dialetos entre si e entre eles e a língua nacional.

Ao falar em língua italiana, estamos nos referindo à língua que tem suas raízes no dialeto tosco-florentino, desenvolvido, por sua vez, sobre uma camada de latim vulgar misturado com as línguas pré-existentes na região antes da colonização romana. Todos os italianos identificam-se com esse idioma, mas têm suas raízes também no dialeto de sua região, que não deve ser considerado uma língua inferior e sim a língua que efetivamente corresponde às raízes culturais de um povo.

A leitura do texto abaixo, de Bassetto (2005, p. 196-199), permitirá que você conheça um pouco mais a língua italiana.

O Italiano

A história multissecular da Península Itálica e a grande diversidade étnica, verificada em todas as suas regiões durante lapsos consideráveis de tempo, explicam a impressionante quantidade de variantes dialetais em território hoje Italiano. Apenas durante o Império Romano, a Itália teve unidade política; modernamente, essa unidade só foi restabelecida em 1870. Esse longo hiato de tempo, em que seu território foi muitas vezes desmembrado e suas partes pertenceram a reinos, impérios e povos diferentes, favoreceu a manutenção mais firme das variantes dialetais.

Assim, na planície do rio Pó, o substrato lígure ao oeste, celta ao centro e vênето (ilírico) ao leste, com o superstrato germânico, sobretudo lombardo, são os fundamentos étnicos que caracterizam os atuais dialetos chamados “alto-itálicos” ou “setentrionais” ou ainda “galo-itálicos”; compreendem quatro grupos bastante diferenciados entre si: piemonteses, lombardos, lígures e emiliano-romanholos. A denominação “galo-itálicos” é de Bernardino Biondelli (1804-1886) e foi aceita por Ascoli e outros lingüistas; situam-se *grosso modo* ao norte da linha La Spezia Rimini. Esses dialetos pertencem ao ramo ocidental na classificação das Línguas Românicas, embora as características do ramo ocidental não se encontrem de modo uniforme nos vários grupos dialetais. Fora de seus territórios atuais, formas antigas desses dialetos são encontradas em antigas colônias lombardas na Sicília (Sanfratello, Nicósia, Novara, Aidone) e na Basilicata (Potenza).

Os dialetos vênéticos têm características diferentes em relação ao galo-itálicos, como a ausência de /ü/ e do /ö/ e a conservação das vogais finais, com isso aproximando-se do toscano. Apresentam varias subdi-

LINHA LA SPEZIA RIMINI

A Linha La Spezia-Rimini (às vezes referida como Linha Massa-Senigallia), em lingüística das línguas românicas, é uma linha que demarca um número de importantes isoglossas que distinguem as línguas românicas a leste e sul da linha daquelas a norte e oeste dela. As línguas românicas na parte oriental incluem o italiano padrão e as línguas românicas orientais (romeno, aromeno, romeno meglesita, istro-romeno), enquanto espanhol, francês, português e também os dialetos do norte da Itália são representantes do grupo ocidental. A linha corta o norte da Itália a partir da cidade de La Spezia até Rimini (alguns dizem que a linha na verdade vai de Massa até Senigallia e deveria ser chamada mais precisamente de Linha Massa-Senigallia). A norte e oeste da linha (excluindo algumas variedades setentrionais, como o liguriano, que provavelmente um dia teve essas características, mas foram perdidas sob a influência do italiano padrão), o plural dos substantivos descendem do caso acusativo do latim e geralmente terminam em -s independentemente do gênero ou declinação. Ao sul e a leste da linha, os plurais dos substantivos descendem geralmente do caso nominativo do latim e mudam as vogais para formar os plurais. Comparando os plurais de substantivos cognatos em romeno, italiano, espanhol, português, francês e latim:

- romeno: viață, vieți; lup, lupi
- italiano: vita, vite; lupo, lupi
- espanhol e português: vida, vidas; lobo, lobos
- francês: vie, vies; loup, loups
- latim:
 - nominativo plural: vitae; lupī
 - acusativo plural: vitās; lupōs

RAMO

Uma família linguística é um grupo de línguas rigorosamente identificado e é uma unidade filogenética, isto é, todos os seus membros derivam de um ancestral comum. Este ancestral é geralmente muito pouco conhecido diretamente, uma vez que a maior parte das línguas tem uma história escrita muito reduzida. Apesar disso, é-nos possível recuperar muitas das suas características aplicando o método comparativo – um procedimento reconstitutivo desenvolvido no século XIX pelo lingüista Augusto Schleicher. Isto pode demonstrar a validade de muitas das famílias propostas listadas abaixo. As famílias podem ser divididas em unidades filogenéticas menores, referidas convencionalmente como ramos da família, porque a história de uma família linguística é muitas vezes representada por um diagrama em árvore.

ASSIMILAÇÃO

Transformação de um fonema em igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra. Por exemplo, em latim *ipsu* passa para isso em português, *ps* > *ss*.

visões, como o veneziano, o veronês, o paduano, o feltrino etc., devendo-se incluir as variantes istrianas de caráter arcaico faladas em pequenos territórios da Península da Ístria, nas localidades de Rovigno, Dignano, Fasano, Fallesano e Sissano.

Os dialetos centro-meridionais se dividem em três blocos, se excluirmos os dialetos toscanos, que formam um grupo à parte: a) os falares das Marcas, da Úmbria e do Lácio; b) os dos Abruzos, da Apúlia, Campânia e Lucânia; c) os da Península Salentina, Calábria e Sicília. Trata-se de uma grande variedade dialetal, mas que tem várias características comuns, como as **assimilações** progressivas */-nd-/ > /-nn-/* e */-mb-/ > /-mm-/* (*quando > quanno; piombo > piommo*) e */-ll-/ > /-dd-/* ou */-dd-/* cacuminais, o que ocorre também no logudorês e é atribuído ao antigo substrato mediterrâneo. Entre esses grupos, há outros de transição, mas sem salto brusco demais, a não ser na região central, na passagem dos galo-itálicos para o toscano, no divisor de águas dos Montes Apeninos.

Os dialetos toscanos, divididos em quatro grupos (florentino, pisano-pistoiese, senense e aretino), são particularmente interessantes por seu caráter conservador e por incluir o florentino, base da língua literária italiana.

Ligam-se aos dialetos toscanos as variedades da ilha da Córsega, divididas em dois grupos pela cadeia de montanhas que atravessa a ilha de noroeste a sudeste: o cismontano, ao nordeste, e o ultramontano, a sudeste. Esse último assemelha-se ao do norte da Sardenha, o galurês, por seu caráter arcaizante, distinguindo */i/* e */u/* de */e/* e */o/* e passando */li-/* e */-ll-/* à cacuminal */-dd-/*, vestígios da anti-

ga língua local, posteriormente alterada em profundidade pelos toscanos. Atualmente, os dialetos corsos, especialmente os cismontanos falados na maior parte da ilha, denotam grande influência do toscano antigo, fato que tem importância também para a história do Italiano. A língua oficial da Córsega, porém, é o francês, já que a ilha pertence politicamente à França desde 1769.

O quadro dialetal italiano, porém, é extremamente complexo. O que ficou exposto acima é apenas uma tentativa ampla, geral e bastante imperfeita de classificação, pois se agrupam variedades através de algumas características comuns ou convergentes, não se levando em consideração tantas outras, possivelmente ainda mais importantes. Entretanto, convém lembrar que os próprios filólogos italianos divergem bastante em suas classificações, bastando confrontar as apresentadas, por exemplo, por Carlo Tagliavini, F. Schür, Giulio Bertoni, C. Merlo, Gerhard Rohlfs, Matteo Bartoli, Alfredo Schiaffini.

Perante tanta variedade dialetal, somente algo realmente excepcional teria força suficiente para destacar uma delas, tornando-a língua geral e literária. A partir do século IX, começam a surgir pequenos textos, inscrições, depoimentos em processos e poemas em diversos dialetos.

No século XII, autores lombardos e vênets tentaram estabelecer uma língua literária comum, com participação de figuras do porte de Bonvesin de la Riva, Giacomo da Verona, Ugucione da Lodi e Gerardo Patecchio. Também em outras regiões da Itália despontam manifestações literárias, como na Úmbria, com São Francisco de Assis, na Toscana e em Bolonha. Contudo, nessa época, o principal centro literário formou-se na corte de Frederico II, rei da Sicília, para o qual convergiram poetas e literatos de todas as partes da Itália; essa escola foi, de fato, a primeira tipicamente italiana, denominada “siciliana”, apesar de apenas dez dos seus vinte e nove poetas serem sicilianos; isso “quia regale solium erat Sicilia”.

Entretanto, foi na Toscana, especificamente em Florença, que surgiu a língua literária italiana, baseada no dialeto toscano-florentino. Impressionado com a língua literária provençal, que havia atingido grande aceitação entre os poetas, independentemente de variantes dialetais, como uma *koivḗ* das cortes, Dante Alighieri (1265-1321) procurou uma forma lingüística que reunisse o que de melhor houvesse nas diversas variedades da Itália; essa *koivḗ* deveria posteriormente ser adotada como língua literária em todas as regiões da Itália, já que nenhuma das variantes correntes lhe parecia dispor das qualidades literárias necessárias, que havia observado no provençal. Descarta, de início, o toscano em particular, segundo declara no Capítulo III do Livro I em *De Vulgari Eloquentia*: “Quod in quolibet idiomate sunt aliqua turpia, sed pro ceteris tuscum est turpissimum” (“Pois em qualquer idioma sempre há algo feio mas, diante dos outros, o toscano é feíssimo”).

Não tendo encontrado a *koivḗ* desejada entre os falares italianos, Dante Alighieri, quando resolveu a usar “il volgare”, lançou mão do florentino, apesar de sua relutância inicial, tanto que poucas são as formas não florentinas na *Commedia* e empregadas por razões estéticas na boca de não toscanos, embora haja também *latinismos* e *galicismos*. A localização geográfica central de Florença, as condições históricas da época e o uso da mesma língua por outros dois grandes nomes, Francesco Petrarca, com as conhecidas *Rimas* e seus clássicos sonetos, e Giovanni Boccaccio, com *Decamerone*, difundiram o florentino por toda a Itália como língua literária; fizeram também desaparecer a pretendida língua literária de base vêneta do norte, já com algum prestígio no século XIII.

Em torno da língua literária italiana, levantou-se a chamada “questione della língua”, cujas controvérsias se estenderam por séculos. Uma corrente pretendia que o modelo a ser seguido fosse o toscano antigo dos três grandes autores, a “florentinidade” autêntica. O principal defensor dessa posição, juntamente com Antonio Cèsare, P. Giordani e G. Leopardi, foi Pietro Bembo com *Prose della vulgare língua* (1525); Bembo aí propõe, como modelo, o toscano de Petrarca para a poesia e o de Boccaccio para a prosa. Opunham-se a essa corrente os que pretendiam como modelo literário o florentino falado, tais como Benedetto Varchi (1503-1565) e Giambattista Gelli (1498-1563). Em 1582, foi fundada em Florença a *Accademia della Crusca* (it. *crusca* significa “farelo”, expressão burlesca) com a finalidade de defender a língua literária dos três grandes; elaborou-se o *Vocabulario degli Accademici della Crusca*, baseado sobretudo em Boccaccio e publicado em Veneza em 1612. Foram fixados o léxico e sua ortografia, a pronúncia e a estrutu-

Koivḗ

(Koiné) Dialeto utilizado como língua franca.

LATINISMOS

O uso de palavras de origem latina em português: et cetera (um latinismo!)

GALICISMOS

ou francesismo é uma palavra ou expressão de origem francesa, ou afrancesada, tendo ou não mantida a sua grafia original: buquet* para buquê, boutique* para butique.

ra gramatical; esse *Vocabulario* serviu de modelo para os de outras línguas românicas. Com isso, prevaleceu a posição dos partidários da linguagem da tríade.

Desse modo, a língua literária italiana teve sua gênese característica, diferente das demais no campo românico; nasceu de fatores meramente literários, não da supremacia política e cultural de um dialeto, como o francês e o castelhano, nem por ser a língua da chancelaria de um reino, como o catalão, nem a variante culta, poética e literária internacional, como o antigo provençal. Entretanto, a falta de unidade política da Itália, durante os séculos XVII e XVIII, não permitiu que aquele florentino literário se tornasse efetivamente a língua nacional, como aconteceu com o francês e o castelhano. Essa situação peculiar da Itália levou a língua literária a uma grande rigidez, que foi quebrada por Alessandro Manzoni ao usar o florentino falado pelas classes cultas em *I promessi sposi*.

O toscano literário, já no século XV, se impôs sobre o *romanesco*, o dialeto literário de Roma. Pelo fim do século XVI ou começo do seguinte, o antigo *romanesco* desapareceu, surgindo outro de caráter toscano. Depois da unificação da Itália, Roma de fato se torna o grande centro irradiador da língua nacional, sobretudo depois da Primeira Guerra Mundial. Atualmente, os meios de comunicação de massa, particularmente o cinema e a televisão, têm difundido essa língua de bases florentinas, tornando-a viva e presente em toda a Itália e reduzindo, com isso, a importância dos dialetos, historicamente de grande peso.

Fora do território politicamente italiano, fala-se o italiano, na República de San Marino (um dialeto romanholo), na Suíça (nos Cantões do Ticino e dos Grisões), na Córsega (embora a língua oficial seja o francês, desde 1769), na Ístria e na Veneza Giulia (pertencentes à antiga Jugoslávia desde o fim da Segunda Guerra Mundial), nas principais cidades da costa dalmática e no principado de Mônaco. Além disso, é a língua

de cultura da ilha de Malta e a “língua franca” para europeus e árabes na Líbia. Esparsamente, é falado por emigrantes de muitas partes do mundo, sobretudo nas Américas. No Brasil, conserva-se em grupos compactos, sobretudo no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e São Paulo; na cidade de São Paulo, bairros inteiros, como a Bela Vista e o Brás, trazem marcas indeléveis da língua e da cultura italianas.

LÍNGUA FRANCA

Antigo idioma e termo que se refere geralmente a uma língua aprendida, além de seus falantes nativos, para o comércio internacional e outras interações mais extensas.

EXERCÍCIO

Responda às questões abaixo e discuta-as com o tutor no próximo encontro.

- 1) Identifique e transcreva os quatro dialetos que compõem o quadro dialetal do italiano.
- 2) O que de excepcional foi responsável por transformar um desses dialetos em língua nacional?
- 3) O que foi a “*quetione della lingua*” e qual a consequência dela?

A Língua Castelhana

Castelhano ou **espanhol** são os nomes atribuídos a uma língua românica originária da Espanha e que hoje é a mais falada das Américas. O idioma castelhano tem essa denominação por ser originário da região de Castela. Junto com o inglês, é a língua ocidental que possui mais falantes.

A história do castelhano está relacionada com os primitivos habitantes da Península Ibérica, os *iberos*, que se fundiram com os *celtas* formando o povo *celtibero*. Depois, com os romanos, a província foi invadida e dominada, ocasião em que o latim tornou-se a língua da região. No século V d.C., sofre influência dos **germanos**, especialmente no vocabulário, e, finalmente, no século VIII d.C., com a invasão árabe, um conjunto de fatos decorrentes dessas invasões contribuiu para que o quadro não só do castelhano mas também das línguas ibéricas se modificasse bastante. Com a leitura do texto abaixo, de Bassetto (2005, p. 234-539), você vai saber um pouco mais dessa história.

O Castelhana

A história do castelhano está intimamente relacionada com a invasão árabe na **Península Ibérica**; sem o conjunto dos fatos decorrentes dessa invasão, sem dúvida o quadro das línguas ibéricas seria muito diferente. Com a ocupação árabe a partir de 711, os cristãos, reduzidos a pequenos grupos, refugiaram-se na região noroeste das montanhas das Astúrias sob o comando de Pelágio. Aos poucos, organizam-se pequenos Estados independentes; pelo ano 800, Castilla é apenas um condado do reino das Astúrias ou de León. Em 1029, Sancho II (1000-1035), rei de Navarra, herdou o condado de Castilla e depois dividiu seu reino em três: Aragão, Navarra e Castilla (Castela).

Aproveitando-se do enfraquecimento dos árabes, causado pela guerra civil (1008-1028) que pôs fim ao califado dos Omeiadas, os pequenos reinos cristãos começaram a reconquista. Em 1037, o reino de Castela uniu-se ao de León e conquistam Toledo, em 1085, tendo Rodrigo Dias de Vivar, el Cid (“senhor” em árabe), como o grande herói e tema da primeira grande epopéia em castelhano. Sob Alfonso VII (1126-1157), Castela torna-se suserana de todos os Estados cristãos. Depois da derrota de Alarcos (1185), obtém-se nova aliança. Em 1212, os castelhanos vencem os árabes em Las Navas de Tolosa e incorporam o reino dos Almohadas. Nova fase começou com o casamento dos chamados reis católicos, Isabel de Castela (1474-1504) e Fernando II de Aragão, em 1469; uma década depois, os dois reinos se fundiram em um só. Em 1492, com a conquista de Granada, o último reino árabe no extremo sul, completa-se a reconquista e inicia-se a expansão ultramarina, com a anexação de Melilla (1497) e de Orã (1509), no norte da África.

No avanço rumo ao sul, os castelhanos encontraram as populações românicas mais ou menos arabizadas, denominadas moçárabes (ár. *must'arib*, “tornando árabe”), mas que haviam conservado sua fala românica e a fé cristã. Os moçárabes eram bilin-

GERMANOS

Relativo aos habitantes da Germânia, atual Alemanha.

PENÍNSULA IBÉRICA

Região situada no Sudoeste da Europa. Politicamente, três países localizam-se nesta península: Portugal, Espanha e Andorra, além de um enclave territorial britânico ultramarino, Gibraltar.

gües; usavam o árabe como língua de cultura e o romance no uso comum; e é sabido que o bilingüismo é um meio eficaz de transferência de empréstimos, conforme o demonstra o grande número de arabismos nas línguas românicas da Ibéria. Mais profunda foi a influência árabe no extremo sul, principalmente na Andaluzia, cujo dialeto moderno não é considerado uma continuação do romance local, mas uma superposição de elementos castelhanos do norte e do centro, superposição posterior a uma população românica bastante reduzida em número, desde fins do século XV.

Sob o domínio árabe de quase oitocentos anos, é óbvio que as variantes românicas do moçárabe deveriam ter características conservadoras e arcaizantes; esse fato destacou ainda mais os aspectos diferenciados do castelhano, que se lhes impôs como língua oficial. De modo geral, o moçárabe concorda lingüisticamente com as outras línguas e dialetos ibéricos: os grupos /cl/ e /li/ se palatalizam, como em lat. *cuniculu* > moçár. *conelho*, arag. ant. *conello*, port. *coelho*, cat. *conill*, fr. ant. *conil*, prov. *conilh*, mas cast. *conejo*. O moçárabe conserva o /t/ do grupo /ct/, como as outras línguas e dialetos da Ibéria: lat. *lacte* > moçár. *laite*, *labte*, *leite*; port. *leite*, cat. *llet*, mas cast. *leche*. O mesmo acontece com o /j-/ , proveniente de /i/ lat. seguido de vogal: lat. *ianuariu* > *januariu* > moçár. *jenáir*; leon. *jenero*, arag. ant. *jenero*, port. *janeiro*, cat. *gener*, fr. *janvier*, it. *gennaio*, mas cast. *enero*; aliás, essa é uma das características do castelhano, segundo se vê nos exemplos: lat. *iactare* > cast. *echar* (“atirar”); *germanu* > *ermano* > *hermano* (“irmão!”); *ieiunu* > *jajuno* > *ayuno* (“jejum”); *gelare* > *elar* > *belar* (“gelar”); *geniperu* > *juniperu* > *enebro* (a árvore “junípero”); *gengiva* > *jengiva* > *encia* (“gengiva”).

Até meados do século XI, o castelhano era o dialeto da região “de los castillos”, donde o nome “Castella” (“fortificações”), que compreendia a parte oriental da Ga-

lícia, a Cantábria e o curso superior do rio Ebro; começou a ser designada por esse nome no século IX. As influências do substrato ibérico, continuadas pelas do **adstrato** basco, deram ao castelhano essa feição lingüística diferenciada em relação ao pan-ibero-romance. A supremacia política, cultural, literária e lingüística do castelhano despontou de sua força interna, mas se deveu também ao enfraquecimento do reino de Navarra e à decadência do de León, firmando-se a partir da segunda metade do século XI, quando assumiu o comando da reconquista. Enquanto os dialetos de León, Navarra e Aragão se mostravam indecisos quanto à fixação de determinadas mutações, por exemplo, os ditongos espontâneos /ué/ e /ié/, indecisão revelada pelo emprego de **alomorfes**, como *poblo*, *puoblo*, e *puablo*, ou *certo*, *cierto* e *ciarto*, o castelhano já usava as formas ditongadas *pueblo*, *cierto*, *puerta*, *cielo* etc. Da mesma

forma, propagaram-se as mutações típicas do castelhano /f/ > /h/, /cl/ e /li/ > /j/, /ct/ > /ch/ [tch], /j/ inicial > /Φ/, durante os séculos XII a XV.

O prestígio cultural e literário do castelhano aumentou sobretudo com o rei Afonso X, o Sábio (1252-1284), cuja corte foi um centro de irradiação do castelhano como língua literária; o próprio Afonso X é autor das conhecidas *Cantigas de Santa Maria* e do primeiro tratado de xadrez (1283), além de outras obras. Em sua corte, a principal atividade cultural era a tradução; obras árabes sobre os mais diversos assuntos foram traduzidas quase exclusivamente por judeus, cuja aversão pelo latim, por ter sido a língua de seus perseguidores, os levou a traduzir para o castelhano, fato que o favoreceu em vários sentidos. Desse modo, razões políticas, literárias e culturais levaram o castelhano a se tornar a língua oficial da Espanha, suplantando lentamente as outras

ADSTRATO

Convivência de uma língua com outra, num território dado, em que uma interfere como manancial permanente de empréstimos para a outra.

ALOMORFE

É a variação de um morfema sem mudança no seu significado. Em “infeliz” e “imutável”, por exemplo, tanto “in” quanto “i” indicam negação.

variedades, semelhantemente ao que ocorreu com o **frâncico**. Desde o final do século XV, o castelhano foi a língua literária de toda a Espanha.

Como já se viu, o castelhano é a língua mais diferenciada da Península Ibérica. O menor grau de latinização da região de Castilla, la Vieja, habitada por várias raças ibéricas (cântabros, várdulos e autrigões) e efetivamente incorporada ao Império Romano apenas no ano 19 a.C., explica a maior independência linguística do castelhano em relação ao latim e seu desenvolvimento posterior, em contraste com as outras línguas e dialetos peninsulares, que se desenvolveram em regiões mais profundamente latinizadas. [...]

O primeiro poema em castelhano, que chegou até nós, é o *Cantar del mio Cid*, escrito na primeira metade do século XII por autor desconhecido, cujo valor literário é equivalente à *Chanson de Roland*. Composto por volta de 1140, sugere a existência de uma epopéia anterior; foi conservado num único manuscrito de 1307, uma cópia feita por Pedro Abad, só publicada em 1779 por Tomás Antonio Sánchez em *Collección de poesias antiguas castellanas*. Foi composto na província de Sória, no extremo sul-leste de Castilla, la Vieja, ao que parece por **trovador** de Medinaceli; a língua é o castelhano arcaico, com influências aragonesas. Soma 3.730 versos, divididos em dois **hemistíquios**, com métrica irregular; celebra a personagem histórica de El Cid Campeador, cujo nome era Rodrigo Díaz de Vivar (1026 ou 1040-1099). Divide-se em três cantares: *Cantar del Destierro*, *Cantar de las Bodas* e *Cantar de Corpes*. Dada a importância do texto para a Filologia Românica e em especial para o castelhano, convém transcrever alguns versos, citados por Tagliavini (*Le Origini*, p. 506):

*Todos son adobados quando mio Çid esto ovo fablado;
las armas avién presas e sedién sobre los cavalos.
Vi[di]eron la cuesta yuso la fuerça de los francos;
al fondón de la cuesta, çerca es de'llaño,
mandólos ferir mio Çid, el que en buen ora nasco;
esto fazen los sos de voluntad e de grado;
los pendones e las lanças tan bien las van enpleando,
a los unos firiendo e a los otros derrocando.
Vençido a esta batalha el que en buen[a] nasco;
al co[m]de don Remont a preson le a tomado;
bi gañó a Colada que más vale de mil marcos. (v. 1000 ss.)*

Todos já estavam vestidos quando meu Cid isso falou; haviam pegado as armas e estavam sentados sobre os cavalos. Viram pela encosta abaixo o exército (força) dos francos (= catalães); perto do fim da encosta, próximo ao terreno plano, mandou-os atacar meu Cid, o qual em boa hora nasceu; isso os seus fazem com vontade e com agrado; os pendões e as lanças tão bem vão usando, ferindo uns e derrubando outros. Venceu essa batalha aquele que em boa hora nasceu; fez prisioneiro o conde dom Remont; dele ganhou a Colada (uma espada), que vale mais de mil marcos.

FRÂNCICO

Idioma falado pelos francos.

TROVADOR

Na lírica medieval, era o artista de origem nobre do sul da França que, geralmente acompanhado de instrumentos musicais, como o alaúde ou a cistre, compunha e entoava cantigas.

HEMISTÍQUIO

Verso utilizado por sonetistas, no ritmo alexandrino.

Caracteriza-se por apresentar uma divisão ao meio, a cesura, mostrando dois hemistíquios, ou seja, o verso dodecassílabo pode ser dividido em dois hexassílabos. Tem sílabas tônicas nas posições 6 e 12, obrigatoriamente.

Cada hemistíquio, por sua parte, pode apresentar tônicas nas posições 3 e 6, ou 4 e 6, ou 2 e 6, ou ainda 2, 4 e 6. A interação rítmica entre os dois hemistíquios é que vai dar maior ou menor beleza ao alexandrino.

Ex:

"Vento vai... vento vem... sou escravo do vento,
ansioso que sou pr'encontrar meu amor.

Corro solto e veloz, onde esteja, onde for,
à procura de quem me emprestou sentimento

...

("Ao açoite do vento" - Paulo Camelo)

Algumas características do castelhano já estão claras nesse texto: a ditongação do /e/ e do /o/ breves latinos, em lat. *bene* > *bien*; **fortia* > *fuerça* (mod. *fuerça*); *bonu* > *bueno*. Por outro lado, mantém-se ainda o /f/ inicial; como em *fablado* (mod. *hablado*), *fondón* (mod. *bondón*, *bondo*, “fundo”), *ferir* (mod. *berir*), *fazén* (mod. *hacen*); nota-se também indecisão em relação aos fonemas /b/ e /v/ em *ovo* (mod. *hubo* < lat. *habuit*), *cavillos* (mod. *caballo*) etc. As formas dos pronomes possessivos não se haviam ainda fixado; as tônicas e as átonas são usadas sempre sem qualquer distinção (*mio Cid* e *los sos*, mod. *los suyos*).

Dentre as primeiras atestações documentais do castelhano, destaca-se *Los Siete Infantes de Lara*, sem dúvida da segunda metade do século XII; dos primeiros decênios do século XIII são o *Libro de los Reyes de Oriente*, o *Libro de Apolonio* e o *Poema de Alexandre*, todos de autores desconhecidos. O primeiro poeta, cujo nome se conhece, é Gonzalo de Berceo (fins do século XII e primeira metade do seguinte), do qual se conhecem três vidas de santos, três poemas dedicados à Virgem e outros três poemas de temas religiosos.

Em relação à língua, Alfonso X, o Sábio, ao fixar a capital em Toledo, determinou que o significado duvidoso de palavras fosse definido pelo atribuído à palavra em Toledo, oficializando indiretamente o castelhano. Nos séculos XV, XVI e XVII, o castelhano se firmou como língua nacional e sua literatura desenvolveu-se muito, atingindo o apogeu no século XVII, o “siglo de oro”, a época de Miguel Cervantes (1547-1616), Lope de Vega (1562-1635), Calderón de la Barca (1600-1681) e outros. Para cuidar das questões relativas à língua foi fundada a Real Academia, em 1718.

Com a expansão das grandes descobertas do século XVI, o castelhano se espalhou pelo imenso império colonial espanhol. Firmou-se sobretudo nas Américas, onde continua a ser a língua oficial e falada, ainda que conviva com as línguas nativas em algumas regiões, como no Paraguai, por exemplo, onde todo o povo fala também o guarani. Com esse convívio, o castelhano nas Américas enriqueceu-se lexicalmente com a contribuição araucana no Chile, a guarani no Paraguai, a quéchua (quíchua) na Bolívia, Equador e Peru, a nauatl no México. Em geral, conserva as características da língua da Espanha, se bem que nas Américas certas tendências dialetais tendem a se firmar, embora não de modo uniforme. Por exemplo, na Colômbia o “yeísmo”, isto é, a redução da palatal lateral a um iode (/ll/ > /y/), é bem menos difundido que na Argentina, onde é emitido como /j/ português: *caballo* > *cabayo* > *cabajo*; *calle* > *caye* > *caje*. Cabe lembrar ainda que nas Filipinas e em Curaçao o castelhano criolizou-se sob influências locais diversas.

EXERCÍCIO

As questões abaixo o(a) ajudarão na identificação e compreensão da língua castelhana. Responda-as e discuta as suas respostas com o tutor, no próximo encontro.

- 1) De onde vem a feição diferencial do castelhano?
- 2) Explique como o castelhano tornou a língua oficial da Espanha.
- 3) Aponte algumas características do castelhano.

A Língua Francesa

O francês (*français*) é um dos principais idiomas do mundo e uma das mais importantes línguas românicas, com um número de falantes apenas inferior ao do castelhano e do português. Em 1999, o francês era a sexta língua mais falada do mundo, utilizada por cerca de 110 milhões de pessoas como língua mãe e por 210 milhões se incluídos os que a falam como segunda língua. É uma das línguas oficiais ou administrativas de várias comunidades e organizações, tais como a União Européia, a União Africana, o Comitê Olímpico Internacional, as Nações Unidas e a União Universal.

Conheça um pouco mais a história dessa língua, tão presente hoje em dia. Para isso, leia Bassetto (2005, p. 223-228):

O Francês

O aparecimento de línguas diferentes no território da antiga Gália deveu-se a fatores geográficos e étnicos. Enquanto o relevo montanhoso do sul favorecia a fixação das populações, com o conseqüente conservadorismo em vários campos, inclusive no lingüístico, as grandes planícies do norte propiciavam fácil movimentação e com isso dificultavam a fixação de raízes mais profundas, acarretando modificações mais rápidas.

Etnicamente, o norte apresentou condições mais homogêneas que o sul, onde é conhecida a presença dos lígures (a partir do segundo milênio a.C.), iberos, fenícios e gregos principalmente. No norte, dominaram os celtas e os gauleses (século V a.C.), também celtas; a latinização, iniciada com a conquista da Gália por Caio Júlio César, encontrou uma base étnica mais uniforme que a do sul. Com as grandes invasões germânicas, a constituição de um reino visigodo em Tolosa acentua ainda mais a diferenciação em relação ao norte. Enquanto os visigodos já estavam, em parte, romanizados ao se estabelecerem na Aquitânia, os burgúndios e sobretudo os francos conservaram todas as características germânicas quando invadiram a Gália; desse fato resultaram graus diferentes de superstrato. Conjugando-se essas diferenças de substratos e de su-

UNIÃO EUROPÉIA

Anteriormente designada por Comunidade Econômica Européia (CEE) e Comunidade Européia (CE), é uma organização internacional constituída atualmente por 27 estados membros. Foi estabelecida com este nome pelo Tratado da União Européia em 1992, mas muitos aspectos desta união já existiam desde a década de 50. A União tem sedes em Bruxelas, Luxemburgo e Estrasburgo. A União Européia tem muitas facetas, sendo as mais importantes o mercado único europeu (uma união aduaneira), uma moeda única (o euro, adotado por 15 dos 27 estados membros) e políticas agrícola, de pescas, comercial e de transportes comuns. A União Européia desenvolve também várias iniciativas para a coordenação das atividades judiciais e de defesa dos Estados Membros.

UNIÃO AFRICANA

A União Africana (UA), fundada em 2002, é a organização que sucedeu a Organização da Unidade Africana. Baseada no modelo da União Européia, ajuda na promoção da democracia, direitos humanos e desenvolvimento da África, especialmente no aumento dos investimentos estrangeiros por meio do programa NEPAD (New Partnership for Africa's Development - Nova Parceria para o Desenvolvimento da África).

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL

Organização criada em 23 de junho de 1894, por iniciativa de Pierre de Coubertin, com a finalidade de reinstaurar os Jogos Olímpicos realizados na antiga Grécia e organizar e promover a sua realização de quatro em quatro anos. O COI é financiado por meio de publicidade e comercialização de artigos comemorativos dos Jogos e por meio da venda dos direitos de transmissão dos eventos olímpicos.

NAÇÕES UNIDAS

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi fundada oficialmente a 24 de outubro de 1945 em São Francisco, Califórnia, por 51 países, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. A sua sede atual é a cidade de Nova Iorque. Um dos feitos mais destacáveis da ONU é a proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948.

UNIÃO UNIVERSAL

A União Postal Universal (UPU) é uma organização não governamental que agrupa os serviços postais de, atualmente, cerca de 190 países e regiões autônomas.

perstratos com as condições geográficas características, além de uma latinização mais profunda no sul, explicam-se as variedades lingüísticas surgidas na região das Gálias, onde se pode afirmar a existência de quatro línguas românicas, caso se levem em conta apenas critérios lingüísticos.

Nessas condições, a história do francês, ou língua “d’oc”, deveria ser diferente. Contrariamente ao que aconteceu no sul, em que existiram uma surpreendente **Koivḗ** literária e uma brilhante literatura lírica, no norte as primeiras manifestações literárias foram dialetais, entre as quais não figura o francês. Até o século XII, não há uma língua literária uniforme, reflexo da ausência de unidade política, social e lingüística. Desde a ascensão de Hugo Capeto (987), o primeiro rei a ignorar o franco e a usar única e constantemente o frâncico, até Luis XI (1461-1492), a história da França resume-se basicamente na luta da realeza contra o feudalismo, cuja estrutura favorecia a descentralização. Por isso, até o fim da Idade Média, as poesias épicas foram redigidas no dialeto anglo-normando; composições líricas e épicas surgem na Champanha e na Picardia e as primeiras crônicas são escritas no dialeto champanhês. Centros culturais são as cortes de Chrétien de Troies (Champanha), Artois, Arras (Picardia) e Rouen (Normandia). Entretanto, quando Paris se projeta como capital real, em fins do século XIII, com Luis IX, o Santo, o modesto dialeto de Île-de-France, *o frâncico*, passa também a se projetar literariamente, até tornar-se a língua nacional no século XV. Em fins do século XIV, os citados centros regionais haviam perdido importância política e cultural, passando a segundo plano. O movimento centrípeto em relação a Paris foi acelerado pela unificação nacional, uma consequência da Guerra dos Cem Anos (1337-1453), durante a qual Paris foi um centro de referência e polarização. O grande desenvolvimento de Paris sob Carlos VII (1422-1461), com a consequente centralização da cultura, projetou ainda mais o frâncico. Também a invenção da imprensa, logo e largamente utilizada pelos reis franceses, muito ajudou na difusão do frâncico, já que era a língua usada em numerosos impressos.

Portanto, fatores políticos, históricos e culturais fizeram com que o frâncico, inicialmente sem maior projeção e importância, se tornasse a língua oficial e literária da França em período de tempo relativamente breve. Foi uma trajetória diferente da do italiano, por exemplo, para o qual, como se viu, valeu critério cultural, com as obras de Dante, Petrarca e Boccaccio elevando o dialeto florentino a língua nacional e literária. [...]

Certo é que a difusão do frâncico como língua oficial causou o enfraquecimento e a fragmentação dos dialetos. [...]

Lingüisticamente, o francês é a língua românica mais diferenciada sob vários aspectos, em virtude da conjugação de fatores particularmente fortes do substrato e do superstrato. Dentre as particularidades do francês, destacam-se no vocalismo: passagem do /a/ átono final a /e/, sendo também a única vogal que permanece nessa posição: lat. *porta* > fr. *porte*; mas lat. *portu* > fr. *port*; *morte* > *mort*; *lupū* > *loup*; em sílaba livre, /e/, /ɛ/, e /o/, /ɔ/ se ditongam por ditongação espontânea, como em lat. *mele* > fr. *miel* (mas prov. *mel*, port. *mel*), através de *mel* > *meel* > *mêel* e finalmente *miel*; lat. *cor* > fr. ant. *cuer*, mod. *coeur* (mas prov. *cor* e port. *cor* [em “saber de cor”]); em sílaba travada, porém, não se dá a ditongação, como em lat. *corpus* > fr. ant. *cors*, mod. *corps*, prov. *cors*, port. *corpo*; lat. *perdit* > fr. ant. *perit*, prov. *perit*, port. *perde*. Nesse aspecto, o

castelhano difere dessas línguas por ditongar tanto em sílaba livre como travada: *miel, muerte, cuerpo, pierde*.

No consonantismo, muito cedo o francês sonorizou e depois sincopou as velares surdas intervocálicas: lat. *maturu* > fr. ant. *meür*, mod. *mûr*, mas prov. *madur*, port. *Maduro*; lat. *sapere* > fr. *savoir*, mas prov. *saber*, port. *saber*; lat. *rota* > fr. *roue*, mas prov. *ròda*, port. *roda*. Palataliza o /c/ e o /g/ seguidos de /a/: lat. *caballu* > fr. *cheval*, mas prov. *caval*, port. *cavalo*; lat. *castelu* > *château*, mas prov. *castel*, port. *castelo*: lat. *gallu* > fr. ant. *jal*, prov. *gal*, port. *galo*; essa palatalização, porém, não ocorre no normando nem no picardo.

A substituição do acento de intensidade por um tipo de acento frasal e as freqüentes síncofes e apócofes na emissão tornaram o francês uma língua oxítona, em oposição ao provençal e ao catalão, eminentemente paroxítonas; além disso, as numerosas palatalizações, com reflexos tanto sobre o vocalismo como sobre o consonantismo, e as abundantes nasalações deram ao francês uma fisionomia articulatória bastante original, diferenciada tanto das outras línguas da România como da própria França.

SÍNCOPE

Supressão de um fonema no meio do vocábulo. Ex. lat. *malu* > pot. *mau*.

APÓCOPE

Supressão de um fonema no fim da palavra. Ex. lat. *mare* > port. *mar*.

PALATALIZAÇÃO

Transformação de um ou mais fonemas em uma palatal. Ex. lat. *juniu* > port. *junho*.

VOCALISMO

Estudo da evolução dos fonemas vocálicos na passagem do latim para o português.

CONSONANTISMO

Estudo das transformações sofridas pelos fonemas consonantais na sua evolução histórica.

NASALAÇÃO

Passagem de um fonema oral para um nasal. Ex. lat. *mihi* > port. *mim*.

EXERCÍCIO

O exercício abaixo o(a) ajudará na fixação dos principais pontos aspectos para o reconhecimento da língua francesa. Resolva-o e comente as suas respostas com o tutor no próximo encontro.

- 1) Que os fatores geográficos e étnicos foram responsáveis pelo aparecimento da língua francesa?
- 2) Que fatores políticos, históricos e culturais fizeram do frâncico a língua oficial e literária da França?
- 3) Aponte alguns aspectos da língua francesa que a diferenciam das demais línguas românicas.

A Língua Portuguesa

Com a leitura do texto abaixo, de Bassetto (2005, p. 239-248), você vai conhecer um pouco da história externa da formação de Portugal e os reflexos desse processo na formação da língua portuguesa.

O Português

A afirmação de que a história política, cultural e lingüística da Península Ibérica seria muito diferente sem a invasão árabe é particularmente válida para Portugal e a língua portuguesa. Como se sabe, Portugal veio a ser um país independente dentro das alterações políticas motivadas pelas guerras da reconquista. Henrique de Borgonha (França) veio ajudar os reis de Castela, com tropas, na guerra contra os árabes; Alfonso VI de Castela, como recompensa, deu-lhe sua filha natural Tareja como esposa e o Condado Portucalense, entre os rios Minho e Douro, tendo como capital a cidade do Porto; de *Portu Cale*, nome do condado, proveio o nome Portugal. O próprio Henrique de Borgonha, instigado também por Dna. Tareja, que se considerava relegada a segundo plano pelo pai, autoproclamou-se “conde pela graça de Deus”, iniciando o movimento pela independência política. Seu filho, Alfonso Henriques, vencendo a batalha de Ourique (1139), foi proclamado rei por suas tropas: fixou a capital em Coimbra, até a conquista de Lisboa em 1147. Seus sucessores continuaram a guerra contra os árabes em direção ao sul, até que o rei Alfonso III completou a conquista, vencendo os árabes nos Algarves em 1250.

Os limites do Portugal medieval e moderno não coincidem com os da antiga província romana, a Lusitânia. Em 197 a.C., os atuais territórios de Portugal com toda a Ibéria constituíam uma só província romana. Sob o imperador Augusto (63 a.C.-14 d.C.), a Ibéria foi dividida em três províncias: a Tarraconensis (norte do rio Douro e parte oriental norte da Península), a Lusitânia (sul do Douro, incluindo Salamanca ao leste, com limites indo em direção ao sul, ladeando Toledo, seguindo depois o curso do rio Anas [atual Quadiana], com Emerita Augusta por capital); e a Bética (região da Península ao sul, capital Córdoba). Essa divisão foi feita em 27 a.C.; nova subdivisão foi processada pelo imperador Constantino (285-337 d.C.), que das três fez outras sete, ficando a Lusitânia limitada ao norte pelo rio Douro, ao oeste e sul pelo Atlântico e a leste suas fronteiras eram ligeiramente mais alargadas que as atuais.

Lingüisticamente, no Condado Portucalense usava-se o mesmo dialeto que na Galiza, sendo por isso conhecido como galego-português ou português-galego. Ao sul do Douro, formou-se o “romance moçárabe”, que sobreviveu até meados do século XIII, pelo menos no extremo sul. Com a conquista dessa região pelos portugueses do norte, o moçárabe foi absorvido, deixando escassos vestígios e é praticamente desconhecido.

Passemos, agora, a algumas transformações que as palavras sofreram durante sua evolução do latim ao português:

- a) Manutenção do sistema vocálico de sete fonemas, i, e, é, a, ó, o, u;
- b) Conservação do /f-/ inicial latino: lat. *filum* > port. *fiu*. lat. *ferrum* > port. *ferro*; lat. *folia* > port. *folha*;

c) Síncope, isto é, supressão do /l/ e do /n/ intervocálicos nas mesmas condições: lat. *lana* > port. *lã*; lat. *homine* > port. *Homem*;

d) Passagem da consoante surda /t/ à consoante sonora /d/ e depois supressão, síncope, da sonora das formas verbais da segunda pessoa do plural: lat. *timetis* > port. *temeis*. (*timetis* > *timedes* > *temees* > *temeis*);

e) Não conservação do /l/ de *illu*, *illa* dos artigos definidos, ficando somente o, a, os, as;

f) Existência do infinitivo pessoal, forma de que somente o galego e o português dispõem na România.

Com as grandes descobertas marítimas do século XVI, os portugueses chegam ao Brasil e com eles a língua portuguesa. Depois de quase cinco séculos, há algumas diferenças entre o português (falado e escrito) de Portugal e o português (falado e escrito) do Brasil.

Leia os trechos abaixo, de Bassetto (2005, p. 245 -247), para conhecer algumas divergências fonéticas, sintáticas e lexicais entre o português do Brasil e o de Portugal:

Na fonética:

a) No Brasil, toda vogal seguida de fonema nasal tem o timbre fechado: *falamos*, *demos*, *demônio*, *colônia*, enquanto em Portugal essas vogais têm timbre aberto; nem no falar culto se faz distinção entre *contamos* (/â/) e *contamos* (/á/) para distinguir o presente do pretérito perfeito do indicativo na primeira conjugação: essa distinção é considerada hiperurbanismo.

b) No Brasil, vogais átonas pró- ou pós-tônicas são fechadas, resultando um vocalismo de apenas cinco fonemas, salvo raros casos regionais como em Pernambuco (*pêxera*, *jêrimum*, *Rêçife*); pronunciam-se fechadas as vogais que, resultantes de antigas crases, são emitidas abertas em Portugal: Bras. *mordomo*, Port. *mòrdomo* (< lat. *maior-domo* > *maordomo* > *moordomo*); Bras. *pregar*, Port. *Prêgar* (< lat. *praedicare* > *predigar* > *preegar*); Bras. *padeiro*, Port. *Pàdeiro* (< lat. *panatariu* > *paadeiro*).

c) Pró-tônico, o /e/ é sempre pronunciado entre nós, embora possa sê-lo como /e/ ou como /i/; também o /i/ na mesma posição soa claramente /i/. Em Portugal, tanto o /e/ como o /i/ pró-tônicos são sincopados: Bras. *fechar*; *redondo*, *pessoa*. *menino* (também *minino*), *militar*; *ministro*, *vizinho*, mas Port. *f'char*; *r'dondo*, *p'ssoa*, *m'nino*, *m'litar*; *m'nistro*. *v'zinho*. Da mesma forma, o /o/ pró-tônico é pronunciado normalmente no Brasil, mas passa a /u/ ou sofre síncope em Portugal: Bras. *orelha*, *ondulação*, *porteiro*, *coroa*; Port. *urelba*, *undulação*, *purteiro*, *cuoa* ou *c'roa*.

d) O ditongo /ei/ em sílaba tônica se mantém no português do Brasil; em posição átona, sobretudo na proximidade de uma consoante líquida ou fricativa, é reduzido a /e/: *leite*, *fale*, *sei*; e *primeiro* /*primero*/, *brasileiro* /*brasilero*/, *beijo* /*bejo*/, *peixe* /*pexe*/. Em Portugal, /ei/ emite-se /ai/: *leite* /*laiete*/, *primeiro* /*primairo*/, *beijo* /*baijo*/, *peixe* /*paixe*/. O mesmo fenômeno acontece com o ditongo /êi/, grafado /ém/, pronunciado em Portugal com /ãi/: *também* /*tambêi* / e /*tambãi*/ respectivamente,

ninguém /ningu ĩi/ e /ningãĩ/. Esse fato representa um esforço, certamente involuntário, de evitar a redução do ditongo a uma vogal simples, o que aconteceu também com o alemão, língua que na escrita conservou a pronúncia antiga dos ditongos /ei/ e /eu/, modernamente emitidos como /ai/ e /ói/ respectivamente como Eid /Aid/, “juramento”, *Freiheit* /fraihait/, “liberdade; Eule /Óile/, “coruja”; *beugen* /bóiguen/, “curvar”; *Feuchtigkeit* /Foihtigkait/, “umidade”.

e) Enquanto em Portugal costuma aparecer o /i/ paragógico depois de uma líquida, como em *sali* (sal), *solí* (sol), *Manueli* (Manuel), *doutori* (doutor), *deberi* (dever), no Brasil esse fenômeno nunca se verifica. É também totalmente desconhecido entre nós o acréscimo de um /i/ para se desfazer um hiato, como, por exemplo, *A i água*, *faltou a i aula*, comum na fala popular lusitana. Por outro lado, no falar brasileiro, freqüentemente aparece um /e/ ou um /i/ epentético para facilitar a emissão de um grupo consonantal, o que não se verifica em Portugal: *adevogado* ou *adivogado* por “advogado”, *abissouto* por “absoluto”; *corrúbito* por “corrupto”.

f) Os pronomes pessoais ditos oblíquos são tônicos no Brasil e totalmente átonos em Portugal. Assim, *me*, *te*, *se*, *lhe* aqui são pronunciados /mi/, /ti/, /si/, /li/, em Portugal perdem totalmente a tonicidade, sendo emitidos /mʔ/, /tʔ/, /sʔ/, /lʔ/, formando uma só unidade com o verbo com o qual estão relacionados. Obviamente, essa diversidade de emissão tem reflexos sintáticos inevitáveis.

g) No Brasil, normalmente não se confundem os fonemas /b/ e /v/, cuja alternância é corrente em Portugal, onde *vou* soa [bou], *viste*, [biste], *burro* [vurro], *vento* [bento] etc. Apenas alguns vocábulos são usados indiferentemente com /b/ ou /v/, como *vassoura* ou *bassoura*, *varrer* ou *barrer*, *assobiar* ou *assoviar*.

Dessas tendências divergentes pode-se deduzir que em Portugal tende-se a suprimir vogais átonas, ao passo que no Brasil são mantidas e, até certo ponto, reforçadas: por outro lado, a fala brasileira tende a suprimir consoantes, especialmente em posição final. Essas tendências, se persistentes, levarão essas duas variedades a uma diferenciação cada vez maior a longo prazo.

Na sintaxe:

Na sintaxe, destacam-se algumas diferenças relativas à colocação e à regência nominal e verbal:

a) Conseqüência de sua emissão tônica, os pronomes pessoais oblíquos são usados no Brasil em posição proclítica, mesmo no início da oração: “Me garantiram que entregariam as fitas à tarde”, “te responde na próxima semana.” Dada a completa atonicidade desses pronomes em Portugal, tais construções seriam praticamente impronunciáveis. Pela mesma razão, é freqüente em Portugal a contração de pronomes, como *me + a* > *ma*, *lhe + o* > *lho*, *nos + o* > *no-lo* etc., muito rara no falar brasileiro: “o documento? Ele não lho deu?”, “A verdade, no-lo diz a Bíblia, está somente em Deus.”

b) o falante lusitano usa o infinitivo regido pela preposição *a*, enquanto no Brasil se prefere o gerúndio: “*Estamos a lembrar* os pontos mais interessantes da viagem”. (Port.), “*Estamos lembrando* os pontos mais interessantes da viagem”. (Bras.).

Muitas expressões portuguesas empregam a preposição *a*, mas as correspondentes brasileiras usam *de*, *a*, *com*:

cheiro <i>a</i> cebola	cheiro <i>de</i> cebola
cobertura <i>a</i> zinco	cobertura <i>de</i> zinco
cedeu <i>a</i> grande pena	cedeu <i>com</i> grande pena
sentar-se <i>à</i> mesa	sentar-se <i>na</i> mesa
estar <i>à</i> janela	estar <i>na</i> janela
estourar <i>a</i> rir	estourar <i>de</i> rir.

Ainda em relação ao uso das preposições, no Brasil é comum o uso de *em* com verbos que expressam movimento, ao passo que em Portugal se usa *a*: “ir no mercado”, “chegar *a* janela” em oposição a “ir ao mercado”, “chegar *a* janela”.

No léxico:

No léxico, as diferenças são mais consideráveis; a implantação da língua portuguesa no território brasileiro, com clima, fauna, flora e uma população autóctone de língua, usos e costumes diferentes, além de sua grande extensão de mais de oito e meio milhões de quilômetros quadrados, foi lenta. Basta lembrar que, ainda nos meados do século XVIII, a língua geral era o tupi; de seus habitantes apenas um terço falava o português e esse terço era bilingüe. A importação de escravos negros trouxe outro elemento de língua e cultura diferentes. Nesse contexto, o léxico português obviamente devia sofrer grandes influências não sentidas em Portugal, a não ser indiretamente. Assim, o léxico do português brasileiro foi enriquecido com cerca de dez mil palavras indígenas e africanas. Exemplos de vocábulos indígenas:

a) **antropônimos**: *Araci, Baraúna, Guaraciaba, Iracema, Jurema, Juraci, Jupira, Moema, Peri, Ubirajara;*

b) **topônimos**: *Aracaju, Botucatu, Itatiaia, Caraguatatuba, Itapira, Itatiba, Itapicirica, Paranapiacaba, Sorocaba, Pernambuco;*

c) **flora**: *abacaxi, buriti, caruru, guabiroba, ipê, jabuticaba, jacarandá, mandioca, peroba, sapê;*

d) **fauna**: *araponga, arara, gambá, jacaré, juriti, jaburu, maracanã, paca, perereca, saracura, sucuri, tamanduá, tatu, urubu;*

e) **alimentos**: *moqueca, pirão;*

f) **utensílios**: *jacá, tipiti, arapuca, urupema, sururuca;*

g) **crenças**: *saci, caiçora, curupira.*

Embora menos numerosos, os empréstimos de procedência africana são correntes, como *Caxambu, Carangola, Guandu, Quilombo* (topônimos); *candomblé, Exu, Iemanjá, mandinga, macumba, zumbi* (crenças); *aluá, cuscuz, munguzá, quibebe, quiçamã, quin-dim, vatapá* (alimentos).

A grande maioria desses milhares de empréstimos não passou à língua em Portugal.

Ao lado dessas novas incorporações, grande número de vocábulos adquiria no Brasil significado diferente daquele de Portugal. Do *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro*, de Mauro Villar, foram tirados os seguintes exemplos:

ANTROPÔNIMOS

Relativos a nomes de pessoas.

TOPÔNIMOS

Relativos a nomes de lugares.

Port.	Bras.
<i>bicha</i>	<i>fila (bicha, “verme”)</i>
<i>candeeiro</i>	<i>abajur (candeeiro, “lâmparina”)</i>
<i>carpete</i>	<i>tapete (carpete, “revestimento fixo de piso”)</i>
<i>despistar</i>	<i>derrapar (despistar, “iludir”)</i>
<i>esquadra</i>	<i>delegacia (esquadra, “conjunto de navios de guerra”)</i>
<i>fulminante</i>	<i>espoleta (fulminante, “instantâneo”)</i>
<i>galão</i>	<i>média (galão, “medida de capacidade”)</i>
<i>Impedido</i>	<i>ordenança (impedido, “barrado”)</i>
<i>neve</i>	<i>sorvete</i>
<i>pastelaria</i>	<i>confeitaria (pastelaria, “lugar onde se vendem apenas pasteis”)</i>
<i>revisão</i>	<i>fiscal (revisor, “corretor”)</i>
<i>sopeira</i>	<i>empregada (sopeira, “terrina”)</i>

A especificação semântica desses poucos exemplos, que poderiam ser facilmente multiplicados, se deve à metáfora, à metonímia e a outros mecanismos semânticos, identificáveis sem grandes dificuldades.

EXERCÍCIO

As questões abaixo servirão para você mostrar que compreendeu os conceitos que foram estudados nesta unidade. Discuta as respostas com o tutor, no próximo encontro presencial.

- 1) O que se entende por romanização?
- 2) Que dialeto era falado na região onde foi fundado Portugal?

BIBLIOGRAFIA

BÁSICA

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas*. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de Filologia Portuguesa*. São Paulo: editora Saraiva, 1967.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1981.

COMPLEMENTAR

ORLANDI, Eni . e RODRIGUES, Suzy L. (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
(Linguística e filologia)

RESUMO DA ATIVIDADE

Nesta unidade você conheceu um pouco da história das principais línguas românicas faladas no mundo: o italiano, o castelhano, o francês e o português. Aprendeu um pouco da sua história externa – isto é, os fatores históricos, políticos, culturais e literários – e da sua história interna – isto é, os principais fenômenos linguísticos responsáveis pela formação de cada uma delas.



Gráfica
UFPA

Impresso na Gráfica Universitária - UFPA
Fontes Garamond 11,5/16 e Trebuchet MS.
Papel AP 75 g/m² para o miolo. Papel Triplex
230 g/m² para a capa.

